



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – CESC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

CAXIAS-MA

2017



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – CESC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS- LICENCIATURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

Comissão de Elaboração

Port. nº 003/2016-DC/CESC/UEMA.

Profa. Dra. Joseane Maia Santos Silva (Presidente)
Profa. Dra. Maura Rejanne A.R. Amorim (Membro)
Prof. Dra. Solange Santana G. Morais (Membro)

Acompanhamento: (Núcleo Docente Estruturante)

Antonia Miramar Alves Silva (Diretora do Curso de Letras)
Cleia Maria Lima Azevedo (Dep. de Ciências Sociais e Filosofia)
Deline Maria Fonseca Assunção (Departamento de Letras)
Emanoel César Pires de Assis (Departamento de Letras)
Marinalva Aguiar Teixeira Rocha (Departamento de Letras)
Maura Rejanne Amaral Rodrigues Amorim (Departamento de Letras)
Solange Santana Guimarães Morais (Departamento de Letras)

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

ÁREA: Educação.

PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO: mínimo de 4 anos e meio e máximo de 7anos.

REGIME LETIVO: Presencial e por semestre.

TURNO(S) DE OFERTA: Matutino e Noturno.

VAGAS AUTORIZADAS: 40 vagas

CARGA HORÁRIA DO CURSO: 3.435 horas

PRÁTICA NA DIMENSÃO INVESTIGATIVA: 405 horas

ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO: 405 horas

ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS (ATP): 225 horas

TÍTULO ACADÊMICO: Licenciado em Letras.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Gustavo Pereira da Costa
Reitor

Walter Canales Sant'Ana
Vice-Reitor

Gilson Martins Mendonça
Pró-Reitor de Administração

Antônio Roberto Serra
Pró-Reitor de Planejamento

Marcelo Cheche Galves
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Andréa de Araújo
Pró-Reitora de Graduação

Porfírio Candanedo Guerra
Pró-Reitora Extensão e Assuntos Estudantis

Valeria Cristina Soares Pinheiro
Diretora do Centro de Estudos Superiores de Caxias

Solange Santana Guimarães Morais
Diretora do Curso de Letras

Joseane Maia Santos Silva
Chefe do Departamento de Letras

Thays Silva Melo Sousa
Secretária do Curso de Letras

Maria de Fátima Gomes Pereira
Secretária do Dep. de Letras

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVA	7
3. CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL	9
3.1. Histórico	9
3.1.1. Missão da UEMA	10
3.2. Caracterização do Curso	10
4. O CURSO DE LETRAS	12
4.1. Propostas	12
4.1.1. Atendimento Educacional Especializado	13
4.2. Filosofia Educativa do Curso	14
4.2.1. Referenciais Epistemológicos e Técnicos	14
4.3. Competências e Habilidades	15
4.4. Objetivos do Curso	16
4.5. Titulação Conferida pelo Curso	16
4.6. Desafios e Perspectivas do Curso	17
4.7. Perfil Profissiográfico	18
4.8. Caracterização do Corpo Docente	18
4.8.1. Princípios, Fundamentos, Condições e Procedimentos da Formação do Corpo Docente	19
4.8.2. Rendimento Escolar – Quadro Demonstrativo	21
4.9. Mecanismos Avaliativos do Curso	21
4.9.1. Avaliação Institucional	21
4.9.2. Avaliações Externas	21
4.10. Normas de Funcionamento do Curso	22
5. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO	22
5.1. Colegiado de Curso	22
5.2. Núcleo Docente Estruturante	23
6. CURRÍCULO DO CURSO	24
6.1. Regime Escolar	24

6.2. Temas abordados na Formação	24
6.4. Estrutura Curricular	26
6.4.1. Disciplinas de Núcleo Específico	28
6.4.2. Disciplinas de Núcleo Comum	28
6.4.3. Disciplinas de Núcleo Livre	28
6.4.4 Disciplinas de Núcleo Comum de Letras.....	29
6.5. Ementários e Referências das Disciplinas do Curso	30
6.6. Prática como Componente Curricular Investigativo	64
6.6.1 Prática no Curso de Letras do CESC/UEMA	64
6.6.2 Operacionalização da Prática	65
6.7. Estágio Curricular Supervisionado	66
6.8. Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – AACC ou Atividades Complementares – AC	67
6.9. Outras Atividades Curriculares	68
6.9.1. Pós-Graduação	68
6.9.2. Pesquisa	68
6.9.3. Extensão	69
6.10.Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	71
7. RECURSOS HUMANOS	72
7.1. Gestores do Curso	73
7.2. Docentes	73
7.3. Técnicos – Administrativos	79
8. ACERVO BIBLIOGRÁFICO	79
9.INFRAESTRUTURA DO CURSO	80
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
11. REFERÊNCIAS	82

1. APRESENTAÇÃO

A formulação do Projeto Pedagógico do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão/CAMPUS-CAXIAS, não visa tão somente atender à RESOLUÇÃO CNE/CES nº 2/2015 que, por sua vez, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior nos cursos de licenciatura, cujas orientações instruem acerca do currículo e sua estruturação, princípios filosóficos e científico-culturais, perfil do licenciado, bem como os direitos de aprendizagem. Visa, também, uma atualização que orienta ações pedagógicas compartilhadas pelo coletivo do curso em questão.

Elaborado pela gestão acadêmica do Curso, com acompanhamento do Núcleo Docente Estruturante-NDE, conforme preconiza a Resolução Nº 01, de 17/06/10-CONAES, a comunidade acadêmica se fez representar por seus segmentos, visto que, na condição de partícipes do processo em menor ou maior grau, todos deverão assumir compromissos com a sua concretização.

Logo, enquanto construção coletiva, este documento se constitui a expressão do cotejo de ideias acerca das mudanças que aspiramos e dos objetivos que pretendemos alcançar, tendo subjacentes a essa discussão pressupostos de cunhos psicológicos, filosóficos, pedagógicos e, obviamente, linguísticos e literários, constituintes estes que ultrapassam as fronteiras do científico e transformam-se numa ação política para um curso abrigado nas Ciências Humanas.

O presente documento apresenta, de maneira detalhada, a concepção pedagógica e a proposta curricular do curso, bem como traça o perfil profissional de seu público-alvo e expõe as razões pelas quais seu funcionamento não é apenas viável, mas necessário. Compõem, também, o presente projeto informações específicas tanto o rol de disciplinas, os ementários, as referências (bibliografias) mínimas, quanto às regulamentações dos estágios supervisionados e do trabalho de conclusão de curso.

2. JUSTIFICATIVA

A revisão do Projeto Pedagógico do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão/CAMPUS-CAXIAS, justifica-se pela necessidade de enfrentamento dos desafios da educação superior mediante as transformações ocorridas na sociedade contemporânea e as exigências impostas ao licenciado da área de linguagem.

Assim sendo, sua construção perpassa pela discussão de paradigmas voltados para a superação das fronteiras da informação, sem perder de vista o objetivo primeiro a ser alcançado pelo profissional da área de Letras: o domínio do uso da língua materna enquanto objeto de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos numa perspectiva intercultural.

No atual contexto, em que o curso possui uma estrutura unificada pela Resolução nº 1077/2013-CEPE-UEMA, o presente projeto, respeitando as concepções e os objetivos, em consonância com o perfil do profissional a ser formado para atuar numa dimensão macro, isto é, no contexto da Educação Básica no Brasil, necessita de definições numa dimensão micro, levando em conta a importância do Campus Caxias para o Maranhão e, sobretudo, para a região Leste.

A realização do Projeto Pedagógico do Curso de Letras baseia-se nos preceitos normativos da Lei Federal nº 9.394/96 que determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que constitui critérios em conformidade com o Plano Nacional de Graduação – PNG; com o Estatuto da Universidade Estadual do Maranhão; com o Plano Uemiano de Graduação – PUG; com a Resolução CNE/CP Nº 2/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior nos cursos de licenciatura, com a Resolução 261/2001 – CEPE/UEMA, que estabelece prazo para elaboração e aprovação de Projeto Pedagógico de Curso de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA; com a resolução nº 018/97 – CEPE/UEMA, que trata do Programa de Valoração da Graduação, Resolução nº 188/98 – CONSUN/UEMA, que trata do Projeto de Avaliação Institucional e pela Resolução 203/2000 – CEPE, que estabelece as peculiaridades de cada curso.

Com esse propósito, o projeto assume caráter político ao pretender formar professor de língua materna para atuar na formação de crianças e jovens maranhenses, de forma crítica e consciente do papel da linguagem como mediadora do processo de aprendizagem em todas as outras áreas do conhecimento. Para tanto, é mister o reconhecimento, por parte do graduado em Letras, de que a linguagem constitui-se fenômeno psicológico, social, histórico, cultural e

ideológico, logo a formação profissional não se esgota nessa etapa, ao contrário é processo contínuo, autônomo e permanente.

Enquanto diretriz que expressa as orientações políticas, pedagógicas e curriculares, para nortear o trabalho de gestores, docentes, discentes e administrativos com vistas à formação de profissionais capacitados, o presente projeto impõe responsabilidade coletiva, ainda que sua concepção, acompanhamento e operacionalização seja atribuição do Núcleo Docente Estruturante-NDE, conforme Art. 8º §4º, das Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1045/2012-CEPE/UEMA, de 19/12/2012.

Assim, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa assume desafios, reconhece necessidades de incorporação de outras formas de aprendizagem (e não apenas atividades em sala de aula), bem como a implantação de sistemática de avaliação permanente, de modo que professores e alunos, juntos, estejam inseridos num processo de aperfeiçoamento contínuo e de melhorias qualitativas.

3. CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL

3.1. Histórico

A Universidade Estadual do Maranhão teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei 3.260 de 22 de agosto de 1972 para coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão.

Posteriormente, em 1981 a FESM foi transformada na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, através da Lei nº 4.400, de 30 de dezembro de 1981. Nessa época a instituição contava com apenas três campi e sete unidades de ensino. Porém, somente em 1987 a UEMA teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Federal nº 94.143, de 25 de março de 1987, como uma Autarquia de regime especial, pessoa jurídica de direito público, na modalidade multicampi.

A princípio, a UEMA foi vinculada à Secretaria Estadual de Educação. Após a reforma administrativa, implantada pelo Governo do Estado, em 1999, a SEDUC foi transformada em Gerência de Estado de Desenvolvimento Humano – GDH.

Em 2002, a UEMA foi desvinculada da GDH pela Lei Estadual nº 7.734, de 19.04.2002, que dispôs novas alterações na estrutura administrativa do Governo, e passou a integrar a Gerência de Estado de Planejamento e Gestão.

Em 2003, com a reorganização estrutural do estado e com a criação do Sistema Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a UEMA a vinculou-se à Gerência de Estado da Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – GECTEC, hoje, Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – SECTEC.

Conforme seu Estatuto, aprovado pelo Decreto 15.581 de 30 de Maio de 1.997, os objetivos da UEMA são: promover o ensino de graduação e pós-graduação, a extensão universitária e a pesquisa, a difusão do conhecimento, a produção de saber e de novas tecnologias interagindo com a comunidade, com vistas ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão.

3.1.1. Missão, visão e valores da UEMA

Compreendendo que a missão, a visão e os valores institucionais são fundamentais para o desenvolvimento consciente da Universidade, a UEMA destaca no PDI (2016-2020) o seu direcionamento para a atuação no âmbito da sociedade e no avanço do Maranhão, expressando suas convicções que direcionam sua trajetória e os valores que incidem na escolha por um modo de conduta, tanto dos indivíduos quanto da Instituição. Desse modo, apresentam-se os fundamentos da Universidade Estadual do Maranhão:

Missão: Produzir e difundir conhecimento orientado para a cidadania e formação profissional, por meio do ensino, pesquisa e extensão, priorizando o desenvolvimento do Maranhão.

Visão: Ser uma instituição de referência na formação acadêmica, na produção de ciência, tecnologia e inovação, integrada com a sociedade e transformadora dos contextos em que se insere.

Valores:

- Ética
- Transparência
- Sustentabilidade
- Democracia
- Autonomia
- Inclusão

3.2. Caracterização do Curso

A Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias, que deu origem ao atual CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS-CESC, foi criada com a Lei n.º 2821, de 23 de fevereiro de 1968 que “autoriza o Poder Executivo criar uma Faculdade na cidade de Caxias”, destinando-se a manter os Cursos de Letras, Estudos Sociais, Ciências e Pedagogia, em nível de Licenciatura Curta, passando a funcionar através de um convênio efetivado em janeiro de 1970, entre a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Com a suspensão do convênio em abril de 1971, a Faculdade ficou sob a tutela da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, passando a funcionar em regime regular, durante o ano letivo e, em regime parcelado, durante as férias escolares, oferecendo cursos para professores das cidades circunvizinhas que já atuavam nas escolas de 1º e 2º graus, assim denominadas na época, através da Lei n. 3.260, de 22.08.1972 que instituiu a Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, com a finalidade de coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior no Maranhão, nos seguintes termos: “Art. 4º - A Federação congregará: I – a Escola de Engenharia do Maranhão; II – a Escola de Administração do Estado do Maranhão; III – a Escola de Agronomia do Maranhão; IV – a Faculdade de Educação de Caxias”

Em 1981, entra em vigor a Lei 4.4400/81 que transformou a FESM em UEMA e a FEC em Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC), porém a autorização somente ocorreu em 25 de março de 1987.

Em 22 de abril de 1994, houve a reforma administrativa da UEMA, ancorada na Lei 5.921, de 15 de março de 1994, e na Lei 5.931, de 22 de abril de 1994), ocasionando a mudança de UEEC para CESC-Centro de Estudos Superiores de Caxias, abrindo possibilidades para oferecer cursos para além das licenciaturas, fato que se concretizaria com a criação dos cursos de Enfermagem e Medicina.

Em Caxias, o Curso de Letras em Licenciatura Curta surgiu com a já mencionada criação da Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio, em 23 de fevereiro de 1968, funcionando, inicialmente, em regime intensivo, com todo o corpo docente oriundo da Universidade Estadual de São Paulo. Em 1971, alegando falta de verbas, o governador do Maranhão não mais viabilizou a vinda dos professores, assim sendo as atividades foram continuadas, somente com os professores auxiliares e com bacharéis contratados com formação em Direito, Engenharia, Medicina, Farmácia, Odontologia, Agronomia, sem experiência de magistério. Porém, como esse arranjo provocou indignação e manifestação da parte de alunos, que viam uma diferença entre o ensino ministrado pelos professores auxiliares e improvisados e o ensino ministrado pelos docentes da USP, foram contratados professores da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Através da Resolução n.º 52/74, do Conselho Estadual de Educação do Maranhão, a instituição recebeu autorização para funcionamento dos cursos de Pedagogia, Ciências, Letras e Estudos Sociais – Licenciatura de 1º Grau, reconhecidos pelo Parecer n.º 2.111/77 do Conselho Federal de Educação. Pelo Decreto n.º 81.037, de 15 de dezembro de 1977, a Faculdade de Educação de Caxias foi reconhecida pelo Ministério de Educação. Lembrando que antes, em

1976, a Congregação da FESM já havia aceitado que a FEC ficasse subordinada ao seu Regimento Unificado.

Segundo Barbosa (2011), após o reconhecimento, deu-se início a luta da comunidade acadêmica da FEC para transformar os cursos de licenciatura curta em licenciatura plena, cujo primeiro esforço foi um abaixo-assinado entregue ao então Deputado João Castelo Ribeiro Gonçalves, recém-nomeado para governador do Maranhão.

Ocorre que o objetivo inicial, para o qual a Unidade de Estudos de Educação de Caxias foi criada, era a qualificação de docentes para atender ao funcionamento das escolas Bandeirantes (1º grau). Todavia, com a ampliação da rede escolar para o nível de 2º grau, esse objetivo já não satisfazia às exigências educacionais, fato que impulsionou a transformação de todos os cursos, inclusive o de Letras, em Licenciatura Plena, através do Parecer n.º 76/85 – CEE e a Portaria n.º 502, de 23 de junho de 1985, do Ministério de Educação, ficando assim denominado: Curso de Letras-Habilitação em Português e Literaturas, em Língua Portuguesa e Inglês.

A partir do 1º semestre de 1986, o Curso de Letras continuou funcionando em regime Regular, como Licenciatura Plena, sendo implantada, primeiramente, a Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas cuja estrutura passou a ser discutida em 1994, sob a orientação da Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis. Iniciativa esta que culminou com a realização do I Seminário de Reformulação Curricular dos Cursos de Licenciatura da UEMA, em São Luís, nos dias 13 e 14 de outubro do mesmo ano. No ano seguinte, nos dias 21 e 22 de setembro, ocorreu, em Caxias, um encontro para avaliação do processo de implantação das novas estruturas curriculares das licenciaturas, contudo a legalização da estrutura em vigor, com algumas alterações, ocorreu somente em dezembro de 1996.

4. O CURSO DE LETRAS

4.1. Propostas

Os princípios norteadores do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Campus Caxias, legalmente estão ancorados nas exigências das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei Nº 9.394/96, do Plano Nacional de Educação (PNE), definido pela Lei Nº 10.172/2001, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, conforme Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Igualmente e, por fim, do recém-discutido documento que versa sobre a Base Nacional Currículo Comum-BNCC, uma

vez que toda essa legislação estabelece metas para a Educação Básica e define compromisso entre as instâncias públicas envolvidas.

É relevante destacar que, no cerne da formação do profissional do ensino de língua materna, a licenciatura em questão possibilita a qualificação do professor para atuar para além da sala de aula, isto é, no desenvolvimento de práticas leitoras, através de projetos, na Educação Básica, para formar cidadãos críticos e para reverter o quadro preocupante do nível de leitura expresso na pesquisa RETRATOS DA LEITURA no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2016) que traz o percentual 49% de NÃO-LEITORES, na Região Nordeste. Por essa razão, vários autores como Silva (1991), Lajolo (1993) e Bragatto Filho (1995) advogam para o professor o estatuto de leitor, sob pena de inviabilizar a implementação de uma pedagogia da leitura que seja eficaz.

Desse modo, o curso em questão atende ao profissional da língua que pretende assumir um papel histórico no desenvolvimento político, econômico e social da região leste do Maranhão, bem como atende, do mesmo modo, às suas necessidades e aspirações pessoais.

4.1.1. Atendimento Educacional Especializado

A Universidade é um espaço de aprendizagem e, como tal, deve alcançar a todos. A inclusão social deve ser um dos pilares fundamentais de sua filosofia, possibilitando que todas as pessoas façam uso de seu direito à educação.

Dentre as políticas de Educação Inclusiva estão àquelas relacionadas aos alunos com necessidades especiais (tais como visuais, auditivas e de locomoção), assim como aquelas condizentes com a política de inclusão social, cultural e econômica. Implicando a inserção de todos, sem discriminação de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, étnicas ou socioeconômicas e requer sistemas educacionais planejados e organizados que dêem conta da diversidade de alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades.

O compromisso da UEMA com essas questões está explicitado no Programa de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais. Desde o momento em que foi aprovada a Resolução nº 231/00 de 29 de fevereiro de 2000, que instituiu o Núcleo Interdisciplinar de Educação Especial, esta tem sido uma das premissas do desenvolvimento desta IES. Dentre outras ações afirmativas, a resolução assegura condições de atendimento diferenciado nos campi da Instituição para estudantes com necessidades especiais.

A existência de condições de acesso fortalece o compromisso institucional com a garantia de acessibilidade. Diante disso, foi instituído pela Resolução nº 886/2014 de 11 de dezembro de 2014, a Comissão de Acessibilidade como segmento do Núcleo de Acessibilidade da UEMA (NAU), vinculado à Reitoria.

O NAU tem a finalidade de proporcionar condições de acessibilidade e garantir a permanência às pessoas com necessidades educacionais especiais no espaço acadêmico, incluindo todos os integrantes da comunidade acadêmica. O Núcleo operacionaliza suas ações

baseado em diretrizes para uma política inclusiva a qual representa uma importante conquista para a educação, contribuindo para reduzir a evasão das pessoas com necessidades educacionais especiais. O objetivo do NAU é viabilizar condições para expressão plena do potencial do estudante durante o ensino e aprendizagem, garantindo sua inclusão social e acadêmica nesta Universidade.

Outras políticas institucionais de apoio ao discente quanto à permanência implementadas foram: a criação do Programa Bolsa de Trabalho (Resolução nº 179/2015 - CAD/UEMA); a instituição do Programa Auxílio Alimentação, como incentivado pecuniário mensal de caráter provisório em campi em que não existem restaurantes universitários (Resolução nº 228/2017 - CAD/UEMA); o Programa Auxílio Moradia, viabilizando a permanência dos estudantes na universidade cujas famílias residam em outro país, estado ou município diferente dos campi de vínculo (Resolução nº 230/2017 - CAD/UEMA); o Programa Auxílio Creche que disponibiliza ajuda financeira aos discentes (Resolução nº 229/20157 - CAD/UEMA); criação do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Nacional para discentes dos cursos de graduação e pós-graduação (PROMAD).

Do ponto de vista curricular, o Departamento de Letras tem professor recém efetivado que permite oferecer LIBRAS para todos os cursos, bem como realizar atendimento individual para discente caso seja necessário. Também desenvolve o projeto de extensão “Disseminação da LIBRAS e sua contribuição no trabalho docente do intérprete com discente surdo e ouvinte da escola pública de Caxias-MA”, através do Programa PIBEX, desde 2011, sendo que uma ação pioneira, decorrente do projeto, foi a sinalização, com 30 placas, dos departamentos, das direções de Cursos, do setor acadêmico e laboratórios. Para além disso, nos eventos tradicionais do departamento, isto é, Simpósio de Letras, Encontro Cultural de Inglês e Encontro Municipal do PROLER, são oferecidas oficinas de Libras na programação cuja procura é crescente.

4.2. Filosofia Educativa do Curso

O Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, inserido no escopo geral das Ciências Humanas, define-se pelo eixo filosófico-pedagógico, cujo objetivo é a formação de estudantes engajados, sujeitos de reflexões, capazes de transformar a sociedade em que vivem via processo de conscientização crítica acerca da realidade, ou seja, profissionais preparados para lidar com a linguagem nos campos teórico e prático, o que significa situá-la “como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”. Assim, através de práticas leitoras e da escrita, sob o prisma das ciências da linguagem, numa perspectiva interdisciplinar, há de se articular

disciplinas, projetos de pesquisa e de extensão, com vistas a oferecer ao egresso as condições para sua formação intelectual, cultural e político-pedagógica, para atuar na Educação Básica, sem, contudo, abnegar-se de valores como solidariedade, respeito à diversidade e apreço pelo bem comum, possibilitando - o sobretudo o domínio da cultura letrada, na perspectiva de uma formação profissional de qualidade, que atenda aos anseios da sociedade.

4.2.1. Referenciais Epistemológicos e Técnicos

Advoga-se para o Curso de Letras um paradigma que dê conta da concepção de linguagem, de homem e de sociedade, de forma totalizante. A linguagem é o elemento que distingue o homem dos outros animais, o que o torna, de acordo com Aristóteles, um animal político. Essa concepção coloca a linguagem como central nas relações humanas, marcando todos os atos o que nos faz compreendê-la, como a forma, por excelência, de interação entre os seres humanos e de conhecimento do mundo, do pensamento e das artes. Sendo, assim, conceber a linguagem como expressão do pensamento é incorrer no erro de afirmar que as pessoas que não conseguem se expressar não pensam. Como também é incorreto defini-la como instrumento de comunicação, já que esse pressuposto está vinculado à Teoria da Comunicação, que vê a língua como código, implicando a visão unilateral de atividade que se concretiza em processo. Assim, é mister conceber a linguagem como forma de interação social, pois “através dela o sujeito que pratica ações não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala”.¹

Partindo dessa concepção, entende-se que o eixo norteador da produção de conhecimento no curso de Letras passa, necessariamente, pela visão de que a existência da língua se dá na interlocução cujo jogo e suas regras se processam no seu funcionamento. Como também pela definição de literatura enquanto sistema (produtor/autor-transmissor/obra-receptor/leitor), com suas características internas (língua, temas, imagens), e seus elementos sociais e psíquicos, razão porque o texto literário forma um tipo de comunicação inter-humana altamente potencializadora (CANDIDO, 2006).

É indispensável reconhecer a natureza sócio histórica e ideológica da linguagem, como concebe Bakhtin, cuja Teoria da Enunciação aponta para o significado como polissêmico e dialético, sendo a base do processo de interação entre indivíduos socialmente organizados².

¹Id. Ibid. p.43.

² BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.

Da mesma forma, a aquisição da linguagem se processa como atividade social, logo historicamente determinada, conhecimento esse que traz sérias implicações para o processo ensino e aprendizagem, sendo a mais importante delas o reconhecimento do aluno como sujeito³.

No que diz respeito à concepção de homem e de sociedade, há de se buscar referencial nos estudos de Paulo Freire, para quem o ser humano deve ser considerado a partir da sua história e do seu contexto. Enquanto agente crítico e transformador será capaz de compreender a realidade no seu permanente movimento e nas suas contradições porque “no ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação...”.⁴

4.3. Competências e Habilidades

O graduado em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa deverá ter as seguintes competências e habilidades, numa articulação entre teoria e prática:

- Compreender, analisar, interpretar, explicar e contextualizar as informações do mundo em que vive;
- Utilizar o raciocínio lógico, o poder de argumentação, de persuasão e de reflexão crítica acerca do conhecimento;
- Demonstrar domínio ativo e crítico de um repertório de Literatura em Língua Portuguesa;
- Descrever e justificar as peculiaridades fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas e semânticas do português brasileiro com especial destaque para as variações regionais socioletais e para as especificidades da norma padrão;
- Dominar o uso da língua portuguesa e de uma língua estrangeira, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
- Conceber uma visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias que fundamentam sua formação profissional;
- Dominar a Língua Portuguesa em suas mais variadas dimensões culturais;
- Atuar em equipes de pesquisa interdisciplinares;

³ VYGOTZKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

⁴ FREIRE, Paulo. Conscientização, teoria e prática de libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980, p. 37

- Desempenhar papel de multiplicador, formando leitores críticos, intérpretes e produtores de textos de diferentes gêneros e registros linguísticos e fomentando o desenvolvimento de habilidades linguísticas, culturais e estéticas.

4.4. Objetivos do Curso

O Curso tem por objetivo principal formar profissionais licenciados em Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, para o exercício docente na Educação Básica, de forma competente e comprometida com o contexto sociocultural e político em que estão inseridos. Dentre outros objetivos, destacamos:

- Contribuir para a formação de profissionais da língua que sejam conscientes de seu papel como agentes de transformação social, via exercício *com e sobre* a linguagem;
- Proporcionar, ao longo de sua formação, conhecimentos linguísticos e literários, bem como um conjunto de habilidades e competências, para o exercício da prática pedagógica;
- Proporcionar reflexões críticas sobre a realidade da Educação Básica, fundamentando-se numa visão histórica, social, filosófica, política, cultural e econômica;
- Fornecer parâmetros para estabelecer relações entre a formação oferecida no curso, necessidades e desafios da linguagem nas suas múltiplas diversidades;
- Oportunizar ao discente o domínio de conhecimentos, em áreas afins, de forma a ampliar sua visão interdisciplinar.

4.5. Titulação Conferida pelo Curso

O egresso do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa receberá a titulação de Licenciado em Letras.

4.6. Desafios e Perspectivas do Curso

Os desafios que representam restrições ao desenvolvimento orgânico do curso e que, portanto, necessitam ser superados, de modo a implementar significativo salto de qualidade são:

A curto e médio prazo:

- Implantação da biblioteca setorial da área de Letras para melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem;
- Implementação de novo laboratório de línguas que viabilize melhoria na aquisição das habilidades do profissional de Letras;
- Fortalecimento dos grupos de pesquisa, programas e projetos de extensão;
- Desenvolvimento, por parte dos professores, de uma prática pedagógica ancorada na extensão e da pesquisa;
- Elevar a produção científica e publicação de trabalhos a ser encarada por todos os professores, visto que a competência do ensino encontra sustentação na pesquisa, no questionamento, no conhecimento relativo às áreas do ensino de Letras;
- Criação de uma Revista Eletrônica;
- Regime de Dedicção Exclusiva para docentes do Curso;
- Realização de concurso público nas áreas de Literatura.

A longo prazo:

- Otimizar o nível de qualidade do ensino do curso de Letras, considerando o avanço na qualificação dos professores;
- Elevar o nível de aprendizagem dos alunos, principalmente, no que se refere aos usos da língua escrita;
- Elevar o conceito do curso para o nível A (5), segundo os critérios de avaliação do MEC;
- Criação de Curso *Stricto Sensu*.

4.7. Perfil Profissiográfico

O Licenciado em Letras Língua Portuguesa é formado para conhecer profundamente a Língua Portuguesa e suas literaturas. Sua atividade demanda conhecimento e domínio da Língua Portuguesa, bem como as noções de Linguística e de Literatura que possibilitam o pensamento científico para as atividades que requeiram a Língua Portuguesa como base. Elabora e executa trabalhos de compilação, análise e revisão, que atendam a demandas relacionadas à sistematização do conhecimento linguístico. Em sua atuação, considera a língua como prática social que compõe a identidade nacional.

4.8. Caracterização do Corpo Discente

A admissão ao Curso de Letras da UEMA dá-se através de vestibular, do PAES-PROCESSO SELETIVO DE ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR, bem como processo de transferência, regido sob as Normas Gerais do Ensino de Graduação-Resolução nº 1045/2012-CEPE/UEMA, 19 de dezembro de 2012. São oferecidas 40 vagas, por semestre, para o Curso de Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Osdiscentes são provenientes de Caxias e demais municípios (Codó, Gov. Eug. Barros, Coelho Neto, Aldeias Altas, Matões, Buriti Bravo, dentre outros).

Os alunos possuem representação nos órgãos colegiados: CONSUN-CONSELHO UNIVERSITÁRIO, CEPE-CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, CC-COLEGIADO DE CURSO E ASSEMBLEIA DEPARTAMENTAL. Além disso, são instituídos o DCE-DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES E CA's-CENTROS ACADÊMICOS.

Em contribuição ao trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Departamento de Letras, de um modo geral, os alunos, de forma consciente e participativa, expuseram seus anseios, expectativas e apontaram, também, as deficiências/falhas observadas no curso.

A pesquisa, junto ao corpo discente, abordou como pontos fortes a oferta integral de disciplinas previstas, o rigor com o Estágio Supervisionado, as atividades científicas e culturais complementares desenvolvidas pelo Curso.

Em relação às disciplinas oferecidas, um considerável número de discentes reivindicou por um acréscimo daquelas mais específicas do curso - Língua Portuguesa, Literatura e Linguística – pois, desta forma, acreditam que a aplicação prática dos conteúdos estudados confere-lhes mais competência como futuro profissional.

Os discentes ainda concluíram que o quadro docente, de modo geral, é comprometido com o trabalho que desenvolve, exige, porém, mais dinâmica nas aulas e mais envolvimento com a turma, pois, segundo eles, este fator é decisivo para o planejamento das atividades que serão desenvolvidas em cada disciplina.

A satisfação com o Estágio Curricular Supervisionado foi justificada por ser uma forma de colocar, numa verdadeira prática, a vivência no contexto escolar, porém reclamaram do alto custo financeiro com elaboração de material.

Além do elogio às atividades complementares organizadas pelo curso, foi solicitado, pelos discentes, apoio aos CA's para que estes também promovam atividades científicas e culturais, favorecendo, desta forma, maior integração entre alunos e professores.

De certo modo, a proposta, ora apresentada, em decorrência da pesquisa realizada com o corpo discente, converge, em alguns aspectos, com anseios do corpo docente, portanto, o encontro de ideias, oportunamente, abre um caminho para ser trilhado por todos que formam o Curso de Letras do CESC/UEMA.

O CESC possui uma cota de monitoria, sendo uma vaga ofertada, semestralmente, para cada um dos Cursos de Letras, cujos postulantes, quando aprovados, são orientados por professores do Departamento.

4.8.1. Princípios, Fundamentos, Condições e Procedimentos da Formação do Corpo

Discente

A Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, cujo exercício da docência é voltado para educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e respectivas modalidades de educação (Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação a Distância e Educação Escolar Quilombola), logo o Curso de Letras, apresentando esses pressupostos, há de pautar-se na articulação teórico-prática e interdisciplinar, ancorada em compromisso social e educacional, com o Estado do Maranhão, especificamente, com a Região Leste.

Ao abranger campos específicos – a Língua Portuguesa e Literaturas - o curso em questão se articula de forma interdisciplinar, uma vez que o conhecimento linguístico e, por extensão discursivo, possui capilaridade estética, ética e política. Assim, os fundamentos teóricos e pedagógicos do curso devem garantir os direitos e objetivos de aprendizagem, seu desenvolvimento, bem como sua subsequente transmissão na Educação Básica, processo formativo esse que se dá na vida familiar, nas instituições de ensino, pesquisa e extensão e no âmbito do trabalho.

Desse modo, o curso de Letras, no conjunto da política educacional do Estado do Maranhão, constitui-se instrumento fundamental no processo de melhoria da educação de

crianças, jovens e adultos maranhenses, isto é, deve assumir tal desafio como um princípio norteador de todas as ações desenvolvidas pela UEMA.

Para tanto, é mister que a instituição, através do Curso e do Departamento, estabeleçam diálogo permanente com as redes públicas municipal e estadual, seja através de fóruns de debate, de cursos de formação continuada, da extensão, da realização de pesquisas, de modo que a avaliação do curso leve em conta a atuação do profissional já formado. O Curso, portanto, atende à citada Resolução, artigo 13, cap. 1º, quanto à carga horária de disciplinas formativas, quanto aos componentes curriculares que integram a prática e estágio, bem como no que se refere às atividades teórico-práticas. Segue a formação do corpo discente dos dois últimos anos.

Corpo Discente			
Curso: Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa			
ANO	DEMANDA	OFERTA VERIFICADA	PROCESSO SELETIVO
2014	389 inscritos	34 vagas (04 cotas para negros e indígenas e 02 vagas para deficientes) Total: 40 vagas	PAES/Vestibular
2015	142 inscritos	34 vagas (04 cotas para negros e indígenas e 02 vagas para deficientes) Total: 40 vagas	PAES/Vestibular

4.8.2. Rendimento Escolar-Quadro Demonstrativo

ANO	VAGAS	INGRESSO	TURNO	ALUNOS MATRICULADOS POR ANO	TURMAS	EVASÃO	DESISTENCIA	REPETENCIA	MÉDIA DO COEFICIENTE
2014	40	40	Noturno	138 alunos	03	0	02	0	7,51
2015	40	39	Noturno	134 alunos	03	0	03	0	7,61

4.9. Mecanismos Avaliativos do Curso

A avaliação do Curso se dá em conformidade com as Normas Gerais do Ensino de Graduação-Resolução nº 1045/2012-CEPE/UEMA, 19 de dezembro de 2012, na Seção I, dos Artigos 65 a 72 que tratam da verificação de aprendizagem, e Artigos 73 e 74 que tratam da frequência.

4.9.1. Avaliação Institucional

A Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão, através da Divisão de Acompanhamento e Avaliação do Ensino e da Comissão de Avaliação de Curso de Graduação, desenvolve o processo de avaliação com a aplicação de cinco instrumentos: Avaliação do curso pelos discentes; Avaliação da disciplina pelos discentes; Avaliação da disciplina pelos docentes; Avaliação do curso pelos docentes e Avaliação do egresso. Esse processo ainda não foi incorporado por docentes e discentes como atividade fundamental, com vistas à análise e posterior melhoria dos cursos, fato que exige mecanismos de cobrança no preenchimento desses instrumentos.

4.9.2. Avaliações Externas

O processo de avaliação externa se dá através do ENADE-EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES, um dos procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), criado pela Lei nº. 10.861, de 14 de abril de 2004, com periodicidade de três anos, que consiste em avaliar e acompanhar o processo de aprendizagem e o desempenho acadêmico dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do Curso de Letras. A avaliação consiste na aplicação dos seguintes instrumentos: prova; questionário de impressões dos estudantes sobre a

prova; questionário do estudante; e questionário do coordenador(a) do curso. O curso de Letras tem sido avaliado, ao longo dos anos, havendo evolução no índice, alcançando à nota 4, entretanto, em 2014, baixou para a nota 2, impondo desafios coletivos.

4.10. Normas de Funcionamento do Curso

Atualmente, o Curso de Letras do CESC apoia-se em diretrizes, princípios e determinações dos seguintes instrumentos legais:

- PARECER CES Nº 492/2001-DIRETRIZES CURRICULARES PARA O CURSO DE LETRAS/MEC;
- RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/2002-DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA;
- RESOLUÇÃO Nº 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002-INSTITUI A DURAÇÃO E CARGA HORÁRIA DE LICENCIATURA, DE GRADUAÇÃO PLENA, DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM NÍVEL SUPERIOR;
- RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015-DEFINE AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A FORMAÇÃO INICIAL EM NÍVEL SUPERIOR (CURSOS DE LICENCIATURA, CURSOS DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA GRADUADOS E CURSOS DE SEGUNDA LICENCIATURA) E PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA;
- RESOLUÇÃO Nº 1045/2012-CEPE/UEMA-NORMAS GERAIS DO ENSINO DE GRADUAÇÃO;
- RESOLUÇÃO Nº 1077/2013-CEPE/UEMA-APROVA A ESTRUTURA UNIFICADA DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UEMA.

5.GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO

5.1. Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso de Letras funciona como órgão deliberativo e consultivo em assuntos relacionados à área, sendo organizado conforme o Regimento dos Órgãos Colegiados da UEMA que, no Art. 20, preconiza a sua formação, com mandato de dois anos, da seguinte forma:

- I - o diretor de Curso como seu presidente;

II - representantes dos Departamentos cujas disciplinas integrem o Curso, na razão de um docente por cada quatro disciplinas ou fração;

III - um representante do corpo discente por habilitação.

COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DE LETRAS

NOME	CARGO
Antonia Miramar Alves Silva	Prof. Aux. 40 (Presidente)
Cláudia Maria Magalhães Motta	Prof. Assistente 40h (Membro)
Cléia Maria Lima Azevedo	Profa. Assistente 40h (Membro)
Deline Maria Fonseca Assunção	Profa. Adjunto 40h (Membro)
Elizeu Arruda de Sousa	Prof. Assistente 40h (Membro)
Erlinda Maria Bittencourt	Profa. Assistente 40h (Membro)
Joseane Maia Santos Silva	Profa. Adjunto 40h (Membro)
Marinalva Aguiar Teixeira Rocha	Profa. Assistente 40h (Membro)
Maria do Socorro Carvalho	Profa. Adjunto 40h (Membro)
Maria Lourdene Paula Costa	Profa. Assistente TIDE (Membro)
Rosângela Veloso da Silva	Profa. Assistente 40h (Membro)
Solange Santana Guimarães Morais	Profa. Adjunto 40h (Membro)
Jôfrany Abreu Sousa	Discente do Curso (Membro)

5.2. Núcleo Docente Estruturante

O NDE constitui-se de docentes com atribuições acadêmicas de acompanhamento do Projeto Pedagógico do Curso, bem como atuação no processo de concepção, consolidação e atualização permanente, cujas atribuições regulamentadas pela Resolução nº 01/17/06/2010, instituída pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES).

COMPOSIÇÃO DO NDE DE LETRAS

NOME	CARGO
Esp. Antonia Miramar Alves Silva	Profa. Auxiliar 40h (Presidente)
Me. Cleia Lima Azevedo (Curso de Pedagogia)	Profa. Assistente 40h
Dra. Deline Maria F. Assunção	Profa. Adjunto 40h
Dr. Emanuel César P. de Assis	Prof. Assistente 40h
Me. Marinalva Aguiar T. Rocha	Profa. Assistente 40h
Dra. Maura Rejanne Amaral R. Amorim	Profa. Adjunto 40h
Dra. Solange Santana Guimarães	Profa. Adjunto 40h

6. CURRÍCULO DO CURSO

6.1. Regime Escolar

O regime escolar é semestral e presencial, nos turnos matutino e noturno, com a seguinte duração:

Prazo de integralização	Máximo 4 anos e meio	Mínimo 7 anos
Regime	Presencial	
Dias anuais úteis:	200 dias	
Dias úteis semanais:	06 dias (2 ^a a sábado)	
Semanas aulas semestrais:	18 semanas	
Semanas matrículas semestrais:	02 semanas	
Semanas provas semestrais:	03 semanas	
Carga horária do currículo:	3.435 horas	

6.2. Temas abordados na Formação

Estudo da linguagem e de suas variações; Língua Portuguesa; Línguas Estrangeiras Clássicas e Modernas; Filosofia da Linguagem; Produção e Revisão de Texto; Teoria Literária; Literatura Brasileira; Literaturas de Língua Portuguesa; Literaturas Estrangeiras Clássicas e Modernas; Crítica Literária; Probabilidade e Estatística; Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa; História, Filosofia e Sociologia da Educação; Metodologia e Prática de Ensino da Língua Portuguesa; Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas ao Ensino da Língua Portuguesa; Psicologia da Educação; Legislação Educacional; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Pluralidade Cultural e Orientação Sexual; Ética e Meio Ambiente; Relações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

6.4. Estrutura Curricular

Estrutura do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa							
Ord.	Cód.	1º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Sociologia da Educação *	NC	60	4	0	4
2		Leitura e Produção Textual	NC	60	4	0	4
3		Morfossintaxe da Língua Latina	NE	60	4	0	4
4		História da Literatura	NE	60	4	0	4
5		Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	NE	60	4	0	4
6		Filosofia da Educação *	NC	60	4	0	4
SUBTOTAL				360	24	0	24
Ord.	Cód.	2º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Psicologia da Educação *	NC	60	4	0	4
2		Teoria Literária	NE	60	4	0	4
3		Política Educacional Brasileira *	NC	60	4	0	4

4		Fundamentos da Linguística	NE	60	4	0	4
5		Morfologia da Língua Portuguesa	NE	60	4	0	4
6		Prática Curricular na Dimensão Político-Social	NE	135	0	3	3
SUBTOTAL				435	20	3	23
Ord.	Cód.	3º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Correntes da crítica literária	NE	60	4	0	4
2		Didática *	NC	60	4	0	4
3		Planejamento e Organização da Ação Pedagógica *	NC	60	4	0	4
4		Sociolinguística	NE	60	4	0	4
5		Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	NE	60	4	0	4
6		Prática Curricular na Dimensão Educacional	NE	135	0	3	3
SUBTOTAL				435	20	3	23
Ord.	Cód.	4º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Filologia Românica	NE	60	4	0	4

2		Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo	NE	60	4	0	4
3		Literatura Infanto juvenil	NC	60	4	0	4
4		Literatura Portuguesa das origens ao Realismo	NE	60	4	0	4
5		Avaliação Educacional e Escolar *	NC	60	4	0	4
6		Prática Curricular na Dimensão Escolar	NE	135	0	3	3
SUBTOTAL				435	20	3	23
Ord.	Cód.	5º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Sintaxe da Língua Portuguesa	NE	60	4	0	4
2		Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas	NE	60	4	0	4
3		Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa *	NE	60	4	0	4
4		Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo	NE	60	4	0	4
5		Educação Especial e Inclusiva	NC	60	4	0	4
6		Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Línguas *	NE	60	4	0	4

SUBTOTAL				360	24	0	24
Ord.	Cód.	6º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	NC	60	4	0	4
2		Semântica da Língua Portuguesa	NE	60	4	0	4
3		Lusofonia	NE	60	4	0	4
4		Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo	NE	60	4	0	4
5		Metodologia do ensino dos Letramentos	NE	60	4	0	4
6		Linguística Aplicada	NE	60	4	0	4
SUBTOTAL				360	24	0	24
Ord.	Cód.	7º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Literatura Brasileira Tendências Contemporâneas	NE	60	4	0	4
2		Estágio Curricular Supervisionado anos finais do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa	NE	135	0	3	3

3		Projeto de Pesquisa	NE	60	4	0	4
4		Análise do Discurso	NE	60	4	0	4
5		Gestão Educacional e Escolar *	NC	60	4	0	4
6		Optativa I	NL	60	4	0	4
SUBTOTAL				435	20	3	23
Ord.	Cód.	8º PERÍODO-DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		TOTAL
					Teóricos	Práticos	
1		Optativa II	NL	60	4	0	4
2		Literatura Maranhense	NE	60	4	0	4
3		Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	NE	90	0	2	2
4		Estágio Curricular Supervisionado Ensino Médio – Língua Portuguesa	NE	180	0	4	4
5		Atividades Teórico-Práticas - ATP	-	225	0	5	5
6		Trabalho de Conclusão de Curso - TCC	-	-	-	-	-
SUBTOTAL				615	8	11	19
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO:					3.435		
TOTAL DE CRÉDITOS TEÓRICOS:					160		
TOTAL DE CRÉDITOS PRÁTICOS:					23		
TOTAL DE CRÉDITOS:					183		
* Disciplinas de Formação Pedagógica							

6.4.1. Disciplinas de Núcleo Específico

NÚCLEO ESPECÍFICO						
Ord.	Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		TOTAL
				Teóricos	Práticos	
1		Morfossintaxe da Língua Latina	60	4	0	4
2		História da Literatura	60	4	0	4
3		Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	60	4	0	4
4		Teoria Literária	60	4	0	4
5		Fundamentos da Linguística	60	4	0	4
6		Morfologia da Língua Portuguesa	60	4	0	4
7		Prática Curricular na Dimensão Político-Social	135	0	3	3
8		Correntes da Crítica Literária	60	4	0	4
9		Sociolinguística	60	4	0	4
10		Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	60	4	0	4
11		Prática Curricular na Dimensão Educacional	135	0	3	3
12		Filologia Românica	60	4	0	4

13		Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo	60	4	0	4
14		Literatura Portuguesa das origens ao Realismo	60	4	0	4
15		Prática Curricular na Dimensão Escolar	135	0	3	3
16		Sintaxe da Língua Portuguesa	60	4	0	4
17		Literatura Portuguesa do Simbolismo às tendências Contemporâneas	60	4	0	4
18		Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa *	60	4	0	4
19		Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo	60	4	0	4
20		Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Línguas*	60	4	0	4
21		Semântica da Língua Portuguesa	60	4	0	4
22		Lusofonia	60	4	0	4
23		Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo	60	4	0	4

24		Metodologia do ensino dos Letramentos	60	4	0	4
25		Linguística Aplicada	60	4	0	4
26		Literatura Brasileira Tendências Contemporâneas	60	4	0	4
27		Estágio Curricular Supervisionado anos finais do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa	135	0	3	3
28		Projeto de Pesquisa	60	4	0	4
29		Análise do Discurso	60	4	0	4
30		Literatura Maranhense	60	4	0	4
31		Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	90	0	2	2
32		Estágio Curricular Supervisionado Ensino Médio – Língua Portuguesa	180	0	4	4
TOTAL			2370	104	18	122

6.4.2 Disciplinas de Núcleo Comum

NÚCLEO COMUM						
Ord.	Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		TOTAL
				Teóricos	Práticos	
1		Sociologia da Educação *	60	4	0	4
2		Leitura e Produção Textual	60	4	0	4
3		Filosofia da Educação *	60	4	0	4
4		Psicologia da Educação *	60	4	0	4
5		Política Educacional Brasileira *	60	4	0	4
6		Didática *	60	4	0	4
7		Planejamento e Organização da Ação Pedagógica* *	60	4	0	4
8		Avaliação Educacional e Escolar*	60	4	0	4
9		Literatura Infantojuvenil	60	4	0	4
10		Educação Especial e Inclusiva	60	4	0	4
11		Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60	4	0	4
12		Gestão Educacional e Escolar *	60	4	0	4
TOTAL			720	48	0	48

6.4.3 Disciplinas de Núcleo Livre

NÚCLEO LIVRE						
Ord.	Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		TOTAL
				Teóricos	Práticos	

1		Tópicos Emergentes em...	60	4	0	4
2		História da Educação Brasileira	60	4	0	4
3		Teoria da Comunicação	60	4	0	4
4		Produções Acadêmico - Científicas	60	4	0	4
5		Educação à Distância	60	4	0	4
		Filosofia da Linguagem	60	4	0	4
6		Cultura e Realidade Brasileira	60	4	0	4
7		Língua Estrangeira Instrumental	60	4	0	4
CARGA HORÁRIA TOTAL EXIGIDA PARA INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR			120 h			

6.5-Ementários e Referências das Disciplinas do Curso

1º PERÍODO

DISCIPLINA: Sociologia da Educação	CH: 60
<p>EMENTA: Teorias sociológicas da educação. Sociedade, Educação, Cultura e valores. Estudo das concepções teóricas na educação no discurso sociológico dos autores clássicos das ciências sociais e no discurso dos autores contemporâneos. Educação, Política e sociedade: as relações no âmbito interno e externo do sistema escolar. Educação: estabilidade e conflito social.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>CARVALHO, A.B; LIMA DA SILVA, W. C. <i>Sociologia e educação: leituras e interpretações</i>. São Paulo: Avercamp, 2006.</p> <p>ESTEVES, Antonio Joaquim; STOER, Stephen R. (orgs.). <i>A sociologia na escola-professores, educação e desenvolvimento</i>. Porto: Edições Afrontamento, 1992 (parte do capítulo I, capítulo 2:</p> <p>STOER, S.R. <i>Sociologia da educação e formação de professores</i>, p.53-63;</p> <p>ESTEVES, Antonio Joaquim. <i>A sociologia da educação não escolar: notas de leitura</i>, p.97-106.</p> <p>FREderico, Celso; TEIXEIRA, Francisco José Soares. <i>Marx no século XXI</i>. São PAULO: Cortez, 2008.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>MEKSENAS, Paulo. <i>Sociologia da Educação</i>. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.</p> <p>MEKSENAS, Paulo. <i>Sociologia da Educação</i>. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.</p> <p>SAVIANI, Dermeval. <i>Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política</i>. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.</p> <p>_____. <i>A pedagogia histórico-crítica primeiras aproximações</i>. Campinas, SP: Atores Associados, 2008.</p> <p>VIEIRA, Evaldo. <i>Sociologia da Educação: reproduzindo e transformando</i>. São Paulo: FTS, 1996.</p>	

DISCIPLINA: Leitura e produção textual	CH: 60
Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise de coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de texto.	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA</p> <p>DIONÍSIO, A; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). <i>Gêneros textuais e ensino</i>. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. .</p> <p>FÁVERO, Leonor Lopes. <i>Coesão e coerência textuais</i>. 11. Ed. São Paulo: Ática, 2009. 101 p.</p> <p>FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. <i>Lições de texto: leitura e redação</i>.3. ed. São Paulo: Ática, 1998.</p> <p>KLEIMAN, A. <i>Texto e leitor: aspectos cognitivo da leitura</i>. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>KLEIMAN, A. <i>Leitura: ensino e pesquisa</i>. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.</p> <p>KOCH, I. G. V. <i>Desvendando os segredos do texto</i>. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>_____. <i>A inter-ação pela linguagem</i>. São Paulo: contexto, 1992.</p> <p>VAV, Maria da Graça. <i>Texto e textualidade</i>. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.</p>	
DISCIPLINA: Morfossintaxe da Língua Latina	CH: 60

EMENTA: Civilização romana. Origem e evolução da língua romana. Morfossintaxe latina. Flexão nominal (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª declinações, adjetivos, pronomes,). Flexão verbal (voz ativa): as quatro conjugações e o verbo SUM; conjunções, preposições.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

REZENDE, Antonio Martinez de. *Latina Essentia: preparação ao latim*. 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005e ampl. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005.

GRIMAL, P. et AL. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo, 1986.

MARTINS, Isaltina F.; SOARES, João. *Latim 2 língua e civilização*. Coimbra: Almedina, 2000.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SOARES, J. S.. *Latim 1. Iniciação ao latim e à civilização Romana*. 3 ed. Coimbra: Almedina, 2000.

COMPLEMENTAR

REZENDE, Antonio Martinez de. *Latina Essentia: preparação ao latim*. 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005e ampl. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005.

GRIMAL, P. et AL. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo, 1986.

MARTINS, Isaltina F., SOARES, João. *Latim 2 língua e civilização*. Coimbra: Almedina, 2000.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SOARES, J. S.. *Latim 1. Iniciação ao latim e à civilização Romana*. 3 ed. Coimbra: Almedina, 2000.

DISCIPLINA: História da Literatura	CH: 60
<p>EMENTA: Os Gêneros literários clássicos como visões de mundo socialmente diferentes. Literatura grega: a poesia épica clássica; a dramaturgia grega. A periodização da literatura latina. Formação da poesia e da prosa latina. O modelo clássico canônico das epopeias ocidentais; o gênero lírico como expressão da visão democrática e libertadora de parâmetros aristocráticos.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA ARISTÓTELES. <i>A poética clássica</i>. São Paulo: Martin Claret, 2007. D'ONOFRIO, Salvatore. <i>Literatura ocidental: autores e obras fundamentais</i>. São Paulo: Ática, 2000. AUERBACH, Erich. <i>Introdução aos estudos literários</i>. São Paulo: Cultrix, 1993.</p> <p>COMPLEMENTAR AUERBACH, Erich. <i>Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental</i>. São Paulo: Perspectiva, 2009. BLOOM, Harold. <i>O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo</i>. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995. CALVINO, Ítalo. <i>Por que ler os clássicos</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. CARPEAUX, Otto Maria. <i>História da literatura ocidental</i>. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, s.d. MALLARD, Leticia. (org.). <i>História da literatura</i>. Ensaios. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1995.</p>	

DISCIPLINA: Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	CH: 60
EMENTA: Fonética. Aparelho fonador. Fonologia. Estudo fonético-fonológico da língua portuguesa, em uso no Brasil, tendo por referência compreensão de variações e variedades de seus registros escritos e orais como recursos expressivos.	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (Orgs.) <i>Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras</i>. 4 ed. São Paulo: Cortez, p. 104-146. 2004.</p> <p>MORI, Angel Corbera. <i>Fonologia</i>. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Chistina (Orgs.) <i>Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras</i>. 4 ed. São Paulo: Cortez, p. 147-179. 2004.</p> <p>SILVA, Thaís Cristóforo. <i>Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios</i>. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>SOUZA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel SANTANA. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (Org.). <i>Introdução à linguística II: princípios de análise</i>. São Paulo: Contexto, p. 9-31. 2005.</p> <p>SOUZA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel SANTANA. Fonologia. In: FIORIN, José Luiz (Org.). <i>Introdução à linguística II: princípios de análise</i>. São Paulo: Contexto, p. 33-58. 2005.</p>	

DISCIPLINA: Filosofia da Educação	CH: 60
<p>EMENTA: Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>ABBAGNANO, N. <i>Dicionário de Filosofia</i>. Trad.Ivone Castilho Benedetti. 4 ed. São Paulo Martins Fontes 2000.</p> <p>ANDERY, Maria Amália Pie Abid (et al). <i>Para compreender a ciência uma perspectiva histórica</i>. 8. ed. Rio de Janeiro. Espaço e Tempo São Paulo EDU, 1999.</p> <p>BOFF, Leonardo. <i>Ética e Moral: A busca de fundamentos</i>. Petrópolis: Vozes, 2003.</p> <p>BRASIL, MEC. <i>Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade</i>. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED, 2003.6.v.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BUZZI, Arcângela R. <i>Introdução ao Pensar: O Ser, o conhecimento, a Linguagem</i>. 21. ed, Petrópolis;Vozes,1992</p> <p>CHAUÍ, Marilena. <i>Convite à Filosofia</i>. São Paulo; Àtica, 2004.</p> <p>LUCKESI, Cipriano Carlos. <i>Filosofia da Educação</i>..3.ed..São Paulo:Cortez,2011</p> <p>SAVIANI, Dermeval. <i>Educação: do senso comum à consciência filosófica</i>. São Paulo: Cortez</p>	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: Psicologia da Educação	CH: 60
<p>EMENTA: Concepções atuais da Psicologia da Educação; Aspectos gerais do processo de ensino-aprendizagem; Fatores psicológicos implicados na aprendizagem escolar; As teorias da aprendizagem; A interação Professor-Aluno no processo de ensino-aprendizagem; Dificuldades de aprendizagem.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia do Desenvolvimento Humano. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 112p.</p> <p>CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 304p.</p> <p>BENJAMIN Jr.; LUDY, T. Uma Breve História da Psicologia Moderna. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009. 202p.</p> <p>MOREIRA, Marco Antônio. Teorias da aprendizagem. 2. ed. São Paulo: EPU, 2011. 248p.</p> <p>JOSÉ, Elizabete de Assunção; COELHO, Maria Teresa. 12. ed. Problemas de Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1999. 232p.</p> <p>COMPLEMENTARES</p> <p>MOREIRA, Mércia; COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. Psicologia da educação. 4. ed. Belo Horizonte: Lê, 1995. 151p.</p> <p>VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p> <p>PALANGANA, Isilda C. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. 6. ed. São Paulo: Summus, 2015. 176p.</p>	

MOULY, George J. Psicologia Educacional . 9. ed. São Paulo: Thomson Learning, 1993. 529p.	
DISCIPLINA: Teoria Literária	CH: 60
EMENTA: A teoria literária – campo de atuação: noções básicas de teoria da literatura e a importância do seu estudo. A Literatura: conceitos e funções atribuídos à Arte Literária do período Clássico ao Contemporâneo. A criação poética: a natureza e o significado do ato criador. A linguagem literária: sistema semiótico primário e sistema semiótico secundário. Teoria dos gêneros literários e das estéticas literárias.	
REFERÊNCIAS BÁSICA ARISTÓTELES. <i>A poética clássica</i> . São Paulo: Martin Claret, 2007. AGUIAR E SILVA, V.M de. <i>Teoria da literatura</i> . Coimbra: Almedina, 1974. WELLEK, R. & WARREN, A. <i>Teoria da literatura</i> . Trad. De José Palla e Carmo. Lisboa, Europa-América, 1962. COMPLEMENTAR AMORA, Antonio Soares. <i>Introdução à teoria da literatura</i> . São Paulo: Cultrix, 2006. AUERBACH, Erich. <i>Introdução aos estudos literários</i> . São Paulo: Cultrix, 1993. COSTA, Marta Morais da. <i>Teoria da literatura II</i> . Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008. SAMUEL, Rogel(org.). <i>Manual de teoria literária</i> . Petrópolis: Vozes, 1985. TRINDADE, Maria Magaly Trindade (org.). <i>Teoria da literatura “revisitada”</i> . Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.	
DISCIPLINA: Política Educacional Brasileira	CH: 60

EMENTA: Políticas educacionais: determinantes políticos, históricos e sociais. Aspectos legais, normativos e organizacionais das políticas educacionais no Brasil. O Plano de Desenvolvimento da Educação como política para a educação no Brasil na atualidade.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

BRANDÃO, C. da Fonseca. *Estrutura e Funcionamento do Ensino*. São Paulo: Avercamp, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MENESES, João Gualberto de Carvalho. *Educação Básica – políticas, legislação e gestão*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PERONI, Vera. *Política Educacional e papel do Estado no Brasil dos anos 1990*. São Paulo: Xamã, 2003.

COMPLEMENTAR

SAVIANI, Demerval. *Da nova LDB ao FUNDEB*. 3ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

_____. *Plano de Desenvolvimento da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

_____. *Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

DISCIPLINA: Fundamentos da Linguística

CH: 60

EMENTA:

A natureza da linguagem humana. Conceitos e objetos. A Linguagem como Ciência. Teorias das competências linguísticas. Principais teorias linguísticas. O Papel da Linguística nos cursos de Letras

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- CARVALHO, C. *Para compreender Saussure*. 15.ed.São Paulo: Vozes.2003.
 ILARI, Rodolfo. *A linguagem e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes. 4.ed.1997.
 SAUSSURE, F. *Curso de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
 MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
 NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo; Martins Fontes, 1997.
 MAIA, Marcus. *Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*, Brasília: UNESCO/MEC. 2006.

COMPLEMENTAR

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. 2.ed.São Paulo Pontes,1988.
 GAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. 4.ed.São Paulo:Scipione,1992.
 FIORINI, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. São Paulo:Contexto,2006.
 JAKOBSON, R.*Linguística e comunicação*.São Paulo: Cultrix,1975.
 LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne(orgs.).*Novas perspectivas linguísticas*.Petrópolis:;Vozes,1970.
 LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix,1974.
 LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 4. ed.São Paulo: Cultrix,1980.
 LYONS,J.*Língua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
 MALBERG,B.*As novas tendências da linguística*.São Paulo: Nacional,1971.
 MARTELOTA, M.E. (org).*Manual de linguística*.São Paulo: Contexto,2008.6
 MARTIN, R. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
 MARTINET,A.*Elementos da linguística geral*.8.ed.São Paulo: Martins Fontes,1978.

DISCIPLINA: Morfologia da língua portuguesa	CH: 60
<p>EMENTA: Forma, função e sentido. Estrutura dos vocábulos. Formação dos vocábulos. Classificação dos vocábulos.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>HENRIQUE, Cláudio Cezar. <i>Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica</i>. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.</p> <p>LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. <i>Manoel de morfologia do Português</i>. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, UFJF, 2005.</p> <p>MONTEIRO, José Lemos. <i>Morfologia portuguesa</i>. 4 ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.</p> <p>SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. <i>Linguística aplicada ao português: morfologia</i>. 5 ed., São Paulo: Cortez, 1989.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>CÂMARA JR., J. Mattoso. <i>Estrutura da língua portuguesa</i>. 19 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.</p> <p>CUNHA, Celso Ferreira da. <i>Gramática da língua portuguesa</i>. Rio de Janeiro, FAE, 1986.</p> <p>MACAMBIRA, José Rebouças. <i>A estrutura morfo-sintática do português</i>. São Paulo: Pioneira, 1974.</p> <p>PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (Org.). <i>Introdução à linguística II: princípios de análise</i>. São Paulo: Contexto, p. 59-79. 2005.</p> <p>ROSA, Maria Carlota. <i>Introdução à morfologia</i>. São Paulo; Contexto, 2003.</p> <p>SANDALO, Filomena. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (Orgs.). <i>Introdução à linguística I: domínios e fronteiras</i>. 4 ed. São Paulo: Cortez, p. 181-206. 2004.</p>	

DISCIPLINA: Prática curricular na dimensão político social	CH: 135
<p>EMENTA: Atividade investigativa, no contexto educacional, de articulação entre os demais componentes curriculares, as diversas disciplinas e áreas específicas de interesse do estudante à dimensão político social da Educação, proporcionando a compreensão das funções social e política da escola, envolta por problemáticas sociais, culturais e educacionais, em uma visão interdisciplinar e multidisciplinar.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICAS</p> <p>HENDGES, Graciela Rabuske; MOTTA-ROTH, Désirée. Produção textual na Universidade. São Paulo: Parábolas, 2010.</p> <p>LÜDEK, Menga (Coord). O professor e a pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 2001.</p> <p>_____; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: EPU, 2014.</p> <p>MARTINS, Jorge Santos. Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2005.</p> <p>MEKSENAS, Paulo. Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.</p> <p>COMPLEMENTARES:</p> <p>MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.</p> <p>MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. Alves. O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.</p> <p>SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2011.</p>	

3º PERÍODO	
DISCIPLINA: Correntes da Crítica Literária	CH: 60
EMENTA: Panorama da Crítica Literária. A narrativa, a poesia e o drama. Métodos da Crítica Literária. Tendências atuais da Crítica Literária. Análise do objeto literário numa perspectiva literária.	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>ADORNO, Theodor. <i>Teoria estética</i>. Lisboa, Portugal: Editora 70, 2011.</p> <p>ARISTÓTELES. <i>A poética clássica</i>. São Paulo: Martin Claret, 2007.</p> <p>EAGLETON, Terry. <i>Teoria da literatura: uma introdução</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2013.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BENJAMIN, Walter. <i>Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura</i>. São Paulo: Brasiliense, 2011.</p> <p>BONNICI, Thomas(Org.) <i>Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas</i>. Maringá: Eduem, 2005.</p> <p>BOSI, Alfredo. <i>Céu, inferno: estudos de crítica literária e ideologia</i>. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2010.</p> <p>CANDIDO, Antonio. <i>Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária</i>. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.</p> <p>HAUSER, Arnold. <i>História social da arte e da literatura</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p>	
DISCIPLINA: Didática	CH: 60

EMENTA: Contextualização da Didática. Componentes do processo ensino-aprendizagem. Organização do trabalho docente: planejamento e plano de ensino. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas.	
REFERÊNCIAS	
BÁSICA ALARCÃO, Isabel. <i>Professores reflexivos em uma escola reflexiva</i> . São Paulo: Cortez, 2009. CANDAU, Vera Maria. <i>A didática em questão</i> . Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. GANDIN, Danilo e CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. <i>Planejamento na sala de aula</i> . Petrópolis – RJ, : Vozes, 2008. LIBÂNIO, José Carlos. <i>Didática</i> . São Paulo: Cortez, 2004.	
COMPLEMENTAR SANT’ANA, Ilza Martins. <i>Didática: aprender a ensinar</i> . 7ed. São Paulo: Loyola, 2008. _____. <i>Avaliação</i> . São Paulo: Loyola, 2006. PINTO, Gersa Rodrigues & LIMA, Regina Célia Villaça. <i>O dia-dia do professor</i> . Belo Horizonte: FAPI LTDA, 2002. TIBA, Içami. <i>Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento – aluno em tempo de globalização</i> .	
DISCIPLINA: Planejamento e organização da ação pedagógica	CH: 60
EMENTA: Introdução ao Estudo do Planejamento; Fundamentos do Planejamento Educacional; Planejamento como Instrumento de Organização do Trabalho Pedagógico em Instituições Educativas; Projeto Político Pedagógico: Os Professores e o Planejamento; Cultura Organizacional e Formação Continuada de Professores: A Construção da Qualidade do Processo Educativo.	

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

VEIGA, Ilma P. A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 29. ed. Campinas: Papirus, 2011. 192p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2013. 216p.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 407p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 16. ed. São Paulo: Libertad, 2006. 206p.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários À Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 102p.

COMPLEMENTAR

GANDIN, Adriana Beatriz. **Metodologia de Projeto na Sala de Aula: Relatos de uma Experiência**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 64p.

GUIMARÃES, A. A. et al. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Loyola, 2010.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico: Como Construir o Projeto Político-pedagógico da Escola**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v.7; 157p.

OLIVEIRA, Antonio Carlos. **Projeto pedagógico e práticas interdisciplinares: uma abordagem para os temas transversais**. São Paulo: Avercamp, 2005.

DISCIPLINA: Sociolinguística

CH: 60

EMENTA:

Introdução à Sociolinguística: conceito, objeto e definição. Língua, Norma e Uso. Variação e Mudança linguística. Diversidade linguística e ensino de língua materna. Análise sociolinguística de variantes padrão/não padrão do português brasileiro.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo, Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b. Padrões sociolinguísticos. (Tradução Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre e Caroline Cardoso) São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972b].

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática.1985.

COMPLEMENTAR

BAGNO, Marcos (Org.). *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

_____. *Linguística da norma*. São Paulo. Loyola, 2002.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

<p>MOLLICA, Maria Cecília. <i>Influência da fala na alfabetização</i>. 2ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000.</p> <p>SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. Goldvarb X – <i>A multivariate analysis application</i>. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.</p>	
DISCIPLINA: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	CH: 60
<p>EMENTA</p> <p>A África de Língua Portuguesa e sua Literatura africana (angolana, cabo-verdiana, moçambicana), em sua origem e desenvolvimento, caracteres linguísticos/estilísticos, sociais. Poesia e Prosa em seus principais autores/obras. Aspectos da Literatura moçambicana de autoria feminina. Ecos e reflexos africanos na Literatura brasileira. Conexões entre a Literatura brasileira e a Literatura africana em estudo.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>APA, Livia. <i>Poesia africana de Língua Portuguesa (Antologia)</i>. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.</p> <p>BONNICI, T. <i>Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas</i>. Maringá: EDUEM, 2005.</p> <p>BONNICI, T. <i>O.Pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura</i>. Maringá: EDUEM, 2000.</p> <p>CHAVES, R. <i>Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários</i>. Cotia, SP.: Ateliê Editorial, 2005.</p> <p>FANON, F. <i>Pele negra, máscaras brancas</i>. Salvador: EDUFBA, 2008.</p>	

GIORDANI, M. C. *História da África: anterior aos descobrimentos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

COMPLEMENTAR

VERSENTINI, P. F. *História da África e dos africanos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

AGUALUSA, J. E. *Nação Crioula*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

BERND, Z. *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.

COUTO, M. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAMASCENO, B. G. *Poesia negra no Modernismo Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2003.

DE JESUS, C. M. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2005.

FERREIRA, Isabel. *O guardador de memórias*. Edições Kujizakuami-Lda, 2008.

LOPES, B. *Chiquinho*. São Paulo: Ática, 1986.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. Editora Leya, 2009.

SILVA, A. da C. *A África: explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

DISCIPLINA: Prática curricular na dimensão educacional

CH: 135

EMENTA:

Atividade investigativa, no contexto educacional, de articulação entre os demais componentes curriculares, as diversas disciplinas e áreas específicas de interesse do estudante à dimensão Educacional sobre os saberes da docência, significação social da profissão e relevância da atividade docente no espaço pedagógico.

**REFERÊNCIAS
BÁSICAS**

HENDGES, Graciela Rabuske; MOTTA-ROTH, Désirée. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábolas, 2010.

<p>LÜDEK, Menga (Coord). O professor e a pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 2001.</p> <p>_____; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: EPU, 2014.</p> <p>MARTINS, Jorge Santos. Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2005.</p> <p>MEKSENAS, Paulo. Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. SãoPaulo: Loyola, 2002.</p> <p>COMPLEMENTARES:</p> <p>MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.</p> <p>MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. Alves. O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.</p> <p>SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2011.</p>	
4º PERÍODO	
DISCIPLINA: Filologia Românica	CH: 60
EMENTA: Conceito de Filologia; Formação da Língua Latina;Constituição das línguas românicas;Estudo de textos arcaicos.	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>ILARI, Rodolfo <i>Linguística Românica</i>. Editora Ática AS. Edição de Arte. São Paulo,1992.</p>	

NETO, Serafim da Silva – *Estudos Filológicos Edição Tempo Brasileiro*. LTDA. Rio de Janeiro – GB – Brasil – 1967.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7º Edição. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1976.

BUEND, Silveira. *A formação Histórica da Língua Portuguesa*. Editora . Saraiva. Edição 3º São Paulo – 1967

ELIAS, Silvio. *Ensaio de Filologia e Linguística*. Editora Acadêmica. GRILLO/MEC .Rio de Janeiro, 1975.

LIMA, Alceu Dias Costilho Ataliba Teixeira de (et al). *Estudos de Filologia e Linguística*. Editora da Universidade de São Paulo. EDUSP.T.^a Queiroz, LTDA São Paulo, 1981.

NETO, Serafim da Silva. *Estudos Filológicos*. Edição Tempo Brasileiro. LTDA. Rio de Janeiro – GB – Brasil, 1967.

GOULART, Audemaro Taranto. *Estudo Dirigido de Gramática Histórica e Teoria Literária*. São Paulo, Editora Brasil S/A

COMPLEMENTAR

ARRUDA, F. E. C. *Linguística Histórica: o passado das línguas & as línguas do passado*. Língua Portuguesa. São Paulo, ed. nº 24, p. 58-63, Jun. 2010.

BASSETO, B. F. *Filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005.

COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ao livro técnico, 1976.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

JOLY, G. *Fiches de phonétique*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1999.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Edição do Autor, 1988.

CÂMARA Jr., J. M. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

DISCIPLINA: Literatura Brasileira das Origens ao Arcadismo

CH: 60

EMENTA: Estudo da Literatura Brasileira, compreendendo as origens, o Barroco, o Arcadismo e o Romantismo em seus aspectos históricos, formais e sócio culturais.	
REFERÊNCIAS BÁSICA BOSI, A. História concisa da Literatura brasileira. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. COUTINHO, A. A Literatura no Brasil. Vol. I. São Paulo: Global, 2004. MOISÉS, M. A. Literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2001. COMPLEMENTAR CANDIDO, A. Formação da Literatura brasileira. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1997. COSTA, C. M. Poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A. s/d. DURÃO, S. R. Caramuru. São Paulo: Martin Claret, 2003. GAMA, Basílio da. O Uruguai. São Paulo, 2003. MATOS, Gregório de. Poesias selecionadas. São Paulo: FTD, 1993. MOISÉS, M. A criação poética. São Paulo: Melhoramentos, 1977. RONCARI, L. Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da Educação, 1995.	
DISCIPLINA: Literatura infanto-juvenil	CH: 60
EMENTA Estatuto da literatura infantil. Origens históricas do gênero. Características da obra literária para crianças e jovens. A narrativa e a poesia infantojuvenil. A produção Literária para crianças e jovens. Critérios de seleção de textos.	

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil: histórias – análise*. São Paulo: Guirón, 1991.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo Ática, 1993

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SARAIVA, Juracy Assmann (ORG). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler literatura infantil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

COMPLEMENTAR

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.) *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997-Natal EDUFRRN

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, Betty. *Contar histórias numa arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1996

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1983.

ECO, Umberto ; BONAZZI, Marisa. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus, 1980.

GOES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Reis. *Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real*. Teresina, UFPI, 2001

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

RESENDE, Vânia Maria. *Literatura Infantil & Juvenil: Vivências de Leitura e Expressão Criadora*. São Paulo: Saraiva, 1997.

SANDRONI, Laura ; MACHADO, Luís Raul (org.) *A criança e o livro* . São Paulo: Ática, 1986.

SERRA, Elizabeth D” Angelo (org.) *.30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, S.P: Mercado de Letras, ALB, 1998.

SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura Juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores*. São Paulo: Cortez, 2001

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa das Origens ao Realismo

CH: 60

EMENTA: O Trovadorismo português; O Humanismo em Portugal; O Renascimento Literário português; A literatura barroca; O movimento literário arcadista; O Romantismo em Portugal; A literatura realista/naturalista portuguesa (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

REFERÊNCIAS

BÁSICA

BOSI, A. *História concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. Vol. I. São Paulo: Global, 2004.

MOISÉS, M. A. *Literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2001.

COMPLEMENTAR

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

CIDADE, Hernane. <i>Lições de cultura luso-brasileira: épocas e estilos na literatura e artes plásticas</i> . Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.	
DISCIPLINA: Avaliação Educacional e Escolar	CH: 60
EMENTA: Concepção e objetivos da avaliação educacional e escolar; Principais abordagens da avaliação educacional; Desafios teóricos e práticos da avaliação no âmbito do ensino fundamental e médio; Análise de instrumentos de avaliação.	
REFERÊNCIAS BÁSICA DEMO, Pedro. Avaliação Quantitativa . 10. ed. São Paulo: Autores Associados, 2010. 100p. ESTEBAN, M ^a Teresa. Avaliação : Uma prática em busca de novos sentidos. 6. ed. Rio de Janeiro: DP Et Alii Editora, 2008. 120p. FERREIRA, Lucinete M. S. Retratos da avaliação : conflito, desvirtuando e caminhos para a suposição. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 128p. HOFFMANN, Jussara Maria L. Avaliar para promover as setas do caminho . 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 144p. HOFFMANN, Jussara Maria L. Avaliação : mito e desafio, uma perspectiva construtiva. 32. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.	
COMPLEMENTAR LUCKESI, Cipriano C. Avaliação de Aprendizagem Escolar : estudos e proposições. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000. PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas . Porto Alegre: Artmed Editora, 1999. 184p.	

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: Concepção Dialética – Libertadora do Processo de Avaliação Escolar. 18. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Qualidade de Ensino**: critérios e avaliação dos seus indicadores. São Paulo: FDE, 1998.

MEDIANO, Zélia D. **Avaliação da Aprendizagem na escola de 1º grau** IN CANDAU, Vera M. (Org.). **Rumo a nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DISCIPLINA: Prática curricular na dimensão escolar

CH: 135

EMENTA:

Atividade investigativa, no contexto escolar, de articulação entre os demais componentes curriculares, as diversas disciplinas e áreas específicas de interesse do estudante à dimensão Escolar sobre a formação dos saberes da docência, considerando a dimensão democrática e participativa na escola com vistas a elevar a qualidade da educação na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BÁSICAS

HENDGES, Graciela Rabuske; MOTTA-ROTH, Désirée. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábolas, 2010.

LÜDEK, Menga (Coord). **O professor e a pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MARTINS, Jorge Santos. **Projetos de pesquisa**: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2005.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

COMPLEMENTARES

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. Alves. **O processo de pesquisa**: iniciação. Brasília: Plano, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2011.

5º PERÍODO

DISCIPLINA: Sintaxe da língua portuguesa

CH: 60

EMENTA

Estudo da sintaxe. Hierarquia gramatical. Fundamentos da noção de gramática. Categorias da descrição gramatical.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e Coordenação: confronto e contraste*. São Paulo: Ática, 2001.

KOCH, Ingedore V. ; SILVA, M. Cecília P.S. *Linguística aplicada ao português: Sintaxe*. São Paulo, Cortez, 1991.

PERINE, Mario André. *Gramática Descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*.

COMPLEMENTAR

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Subordinação e Coordenação: Confronto e contrastes*. São Paulo: Ática, 2008.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática*. São Paulo: Ática, 1989.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MACAMBIRA, J.R. *Português estrutural*. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

NIVETTE, Joseph. *Princípios de gramática gerativa*. São Paulo: Pioneira, 1975.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática, 1995.

-----*Para uma nova gramática do português*. São Paulo, Ática, 1993.

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa do Simbolismo as Tendências Contemporâneas	CH: 60
---	---------------

EMENTA

O Simbolismo literário. O movimento literário modernista. Tendências Contemporâneas em Portugal (Caracterização estilística, temática e análise das obras fundamentais na prosa e na poesia).

REFERÊNCIAS

BÁSICA

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RODRIGUES, Medina. *Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994

COMPLEMENTAR

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985

PINHEIRO, Célio. *Introdução à Literatura portuguesa*. São Paulo: Pioneiro, 1991.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1993.

SARAIVA, Antônio José. <i>Iniciação à literatura portuguesa</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1996	
DISCIPLINA: Metodologia do ensino de língua portuguesa	CH: 60
EMENTA: Os PCN e o Ensino de Língua Portuguesa. Análise Linguística: uma Reflexão do Ensino de Línguas na escola. Ensino de Língua e Ensino de Literatura: uma dimensão interdisciplinar. O Livro Didático e Ensino de Língua Portuguesa.	
REFERÊNCIAS	
BÁSICA	
BAGNO, Marcos. <i>Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa</i> . São Paulo: Parábola Editorial, 2001.	
_____. <i>Pesquisa na escola: o que é, como se faz</i> . São Paulo: Edições Loyola, 2000.	
BRITTO, Luiz Percival. <i>A Sombra do Caos: ensino de língua X tradição gramatical</i> . Campinas (SP): ALB: Mercado de letras, 1997.	
GERALDI, João Wanderley (org.) <i>O Texto na sala de aula</i> . São Paulo: ática, 1997.	
LUFT, Celso Pedro. <i>Língua e liberdade</i> . 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.	
MENDES, Algemira de Macedo; SILVA, Antonia Miramar Alves. <i>O jogo do texto: perspectivas linguísticas e literárias</i> . São Luís – MA: Editora UEMA, 2010.	
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Portuguesa. Secretaria do Ensino Fundamental, ago. 1996.	
COMPLEMENTAR	
ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (orgs.). <i>Gêneros orais e escritos na escola</i> . Campinas – SP: Mercado das Letras, 2007.	
SUASSUNA, Livia. <i>O ensino de língua portuguesa: uma visão pragmática</i> . Campinas – SP: Papyrus Editora, 2010	
TARDELI, MarleteCarboni. <i>O ensino da língua materna: interações em sala de aula</i> . São Paulo: Cortez, 2002. (Col. Aprender e Ensinar com Textos, vol. 9)	
TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, Maria Helena et al. <i>Metodologia e Prática de ensino da língua Portuguesa</i> . Porto Alegre: mercado aberto, 1984.	

<i>_____</i> . <i>Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus</i> . 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.	
DISCIPLINA: Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo	CH: 60
EMENTA O Romantismo brasileiro. A Literatura realista/naturalista (Caracterização estilística temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).	
REFERÊNCIAS BÁSICA CANDIDO, A. <i>Formação da Literatura brasileira</i> . Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1997. MOISÉS, M. <i>A criação poética</i> . São Paulo: Melhoramentos, 1977. RONCARI, L. <i>Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos</i> . São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da Educação, 1995.	
COMPLEMENTAR CANDIDO, A. <i>Formação da Literatura brasileira</i> . Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1997. MOISÉS, M. <i>A criação poética</i> . São Paulo: Melhoramentos, 1977. RONCARI, L. <i>Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos</i> . São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da Educação, 1995.	
DISCIPLINA: Educação especial e inclusiva	CH: 60
EMENTA Educação Especial: conceito, marcos históricos e socioculturais; Princípios e Fundamentos da Educação Inclusiva; Avaliação e Identificação das Necessidades Educacionais Especiais; Experiências Internacionais e Nacionais de Inclusão Educacional; Práticas Pedagógicas e o Acesso ao Conhecimento: ajustes, adequações e	

modificações no Currículo; O Atendimento Educacional Especializado e a Formação de Redes de Apoio.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

GOÉS, Maria Cecília R. de; LAPLANE, Adriane L. F. de (Org.). **Políticas e práticas da educação inclusiva**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2013. 160p.

ALENCAR, E. M. L. S. **Tendências e desafios da educação especial**. Brasília: MEC, 1994. 263p.

BRASIL. DECRETO Nº. 6.571, DE 17 DE SETEMBRO DE 2008. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2007. (Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007).

SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **EDUCAÇÃO ESPECIAL: MÚLTIPLAS LEITURAS E DIFERENTES SIGNIFICADOS**. 1. ed. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2009. 192p.

COMPLEMENTARES

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2007. (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº. 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº. 948, de 09 de outubro de 2007).

GLAT, Rosana (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar – questões atuais em educação especial VI**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2007. 210p.

DISCIPLINA: Tecnologias aplicadas ao ensino de línguas

CH: 60

EMENTA:

Planejamento e criação de sistema ensino/aprendizagem de Letras, segundo enfoque derivado da Tecnologia Educativa: caracterização da população-alvo, especificação de objetivos, análise do conteúdo, hierarquização de conceitos, roteirização, elaboração dos materiais e meios educativos. Técnicas de especificação operacional de objetivos. Planejamento e criação de meios e materiais auto-instrutivos, de natureza interativa, para a aprendizagem de Letras.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

TORI, R. **Educação Sem Distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017. 193p.

SANTOS, E. (Org.). **Mídias e Tecnologia na Educação Presencial e À Distância** – Série Educação. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. 272p.

ALLAN, Luciana. **Escola.Com – Como As Novas Tecnologias Estão Transformando A Educação na Prática**. 1. ed. São Paulo: Figurati, 2015. 176p.

RINO, J. P.; DA COSTA, B. V. **ABC da Simulação Computacional**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2013. 192p.

COMPLEMENTAR

FREIRE, W. **Tecnologia e Educação – As Mídias na Prática Docente**. 1. ed. RIO DE JANEIRO: WAK EDITORA, 2008. 132p.

BETTEGA, Maria Helena. **Educação Continuada na Era Digital**. Questão da Nossa Época, São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, Maria Elizabeth. **Informática e Formação de Professores**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação SEED, 2000. v.1.

CARNEIRO, Raquel. **Informática na Educação**: representações sociais do cotidiano. Coleção Questão da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 2002.

6º PERÍODO

DISCIPLINA: Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

CH: 60

EMENTA

Língua Brasileira de Sinais: Histórico e Fundamentos Legais; A Singularidade Linguística de LIBRAS e seus Efeitos sobre a Aquisição da Linguagem e Aquisições Culturais; Noções Práticas de LIBRAS: gramática, vocabulário e conversação.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

FELIPE, Tanya. **Libras em Contexto**: Curso Básico, Livro do Estudante. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2009.

FERNANDES, Eulália. **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FRANCO, Telma. **Bulling contra surdos**: a manifestação silenciosa da resiliência. Curitiba: Appris, 2014.

LODI, Ana; HARRISON, Kathryn; CAMPOS, Sandra (Orgs.). **Leitura e Escrita no Contexto da Diversidade**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

WITKOSKI, Silva. **Educação de Surdos, pelos próprios Surdos**: uma questão de direitos. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

COMPLEMENTAR

FRIZANCO, Mary; HONORA, Márcia. **Livro Ilustrado de Língua de Sinais Brasileira**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas. v.1. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

FRIZANCO, Mary; HONORA, Márcia. **Livro Ilustrado de Língua de Sinais Brasileira**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas. v.2. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

FRIZANCO, Mary; HONORA, Márcia. **Livro Ilustrado de Língua de Sinais Brasileira**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas. v.3. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

GESSER, Audrei. **Libras? Que Língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos**: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.

DISCIPLINA: Semântica da língua portuguesa

CH: 60

EMENTA

Aspectos da significação lexical e da significação contextual. Significação e contexto. Referência, sentido e denotação. Os campos semânticos. As relações de sentido. Léxico e semântica.

REFERÊNCIAS

BÁSICA:

FERRAREZI JR. Celso & BASSO. Renato. **Semântica, semânticas**: introdução. São Paulo: contexto, 2013.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios.** São Paulo: contexto, 2013.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica: brincando com a gramática.** São Paulo: Contexto, 2001.

COMPLEMENTAR:

FERRAREZI Jr. Celso. **Semântica para educação básica.** São Paulo: Parábola, 2008.

GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística.** 2 ed. Unijuí, 2006.

MARQUES, Maria helena Duarte. **Iniciação à Semântica.** 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DISCIPLINA: Lusofonia

CH: 60

EMENTA: Abordagem histórica e sociolinguística da Língua Portuguesa. Constituição Léxico português. Lusofonia aproximação linguística e distanciamento cultural. Língua Portuguesa: identidade e cultura. Perspectiva literária e historiográfica: Europa, África, Ásia e América.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

ARRUDA, F. E. C. *Linguística Histórica: o passado das línguas & as línguas do passado.*

Língua Portuguesa. São Paulo, ed. nº 24, p. 58-63, Jun. 2010.

BURKE, Peter, *Hibridismo Cultural*, Rio dos Sinos, UNISINOS, 2003.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico.* Campinas, SP: Edição do Autor, 1988.

- CÂMARA Jr., J. M. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática histórica*. São Paulo: Ática, 1984.
- HORA, D. (org.) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, PB: BC, 2004.
- JUNQUEIRA, C. *Antropologia linguística*. São Paulo: EDUC, 1999.
- KINDEL, G. E. *Guia de análise fonológica*. Brasília: SIL, 1981.
- _____. *Manual de exercícios para análise fonológica*. Brasília: SIL, 1981.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- PRETI, D. (org.). *Fala e escrita*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- _____. *Sociolinguística: nos níveis da fala*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
- RAMOS, A. R. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROMANZINI, H. *Introdução à Linguística Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.
- TARALLO, F.; ALKMIN, T. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- TERSARIOL, Alpheu. *Origem da língua portuguesa*. São Paulo: Livros irradiantes, 1967.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1973.
- WIESEMANN, U.; MATTOS, R. de. *Metodologia de análise gramatical*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.
- DIAS, Carlos Malheiro (dir.). *História da Colonização do Brasil*, Porto, Litografia Nacional, 1921-24.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.
- FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*. Lisboa, Ed. da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte de Infante D. Henrique, 1961.
- GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

JOLY, G. *Fiches de phonétique*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1999.
 LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*.

COMPLEMENTAR

_____. *Sociolinguística: nos níveis da fala*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
 MOREIRA, Adriano & VENÂNCIO, José Carlos, *Luso-tropicalismo. Uma Teoria Social em Questão*, Lisboa, Vega, 2000.
 RAMIRES, H. *Línguas arawak da Amazônia setentrional: comparação e descrição*. Manaus/AM: Ed. Da Universidade do Amazonas, 2001.
 RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas brasileiras*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

DISCIPLINA: Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo

CH: 60

EMENTA

O Simbolismo literário. O Parnasianismo brasileiro. O pré-modernismo. A primeira fase do Modernismo no Brasil. A segunda fase modernista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

REFERÊNCIAS

BÁSICA:

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981 (vol.II).
 MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides; breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

COMPLEMENTAR:

<p>COUTINHO, A. (Org.). A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Sul América, 1972. LAFETÁ, J. L. et al. O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983. SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988.</p>	
DISCIPLINA: Metodologias do Ensino dos Letramentos	CH: 60
<p>EMENTA Apresentação do conceito de linguagem/discurso a partir de uma perspectiva sócioconstrucionista. Relação entre linguagem/discurso e poder. Discussão sobre diferentes concepções de letramento e suas implicações no processo de ensino/aprendizagem de Línguas. Práticas de letramento crítico e ensino de LE.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9394/96 atualizada. 6 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011. _____. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013 ROXANE, R. (Org.) A prática de linguagem em sala de aula. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2000. SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p><u>Complementar:</u></p> <p>KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura. Campinas (SP). Pontes. 2000 _____. Texto e Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas (SP). Pontes. 2000. _____. (org.) Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2001.</p>	
DISCIPLINA: Linguística Aplicada	CH: 60

EMENTA

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Visão dos fundamentos da LA sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna. Diferentes pesquisas aplicadas à Língua Portuguesa e seus pressupostos teórico-metodológicos. A relação entre teorias de ensino e aprendizagem de línguas. Avaliação e produção de materiais didáticos.

REFERÊNCIAS**Básica:**

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

FIORIN, José Luís. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: contexto, 2015.

KLEIMAN, Ângela B. CAVALCANTE, Marilda C. (orgs.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

MARTELOTA, M. E. **Manual de linguística (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

Complementar:

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da Língua, sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Tresa Alves, Lisboa: Caminho, (coleção universitária), 1994.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. São Paulo: Ensaio, 1993.

<p>KOCH Ingedore Villaça; VILELA, Mário. Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática do Texto. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.</p>	
7º PERÍODO	
DISCIPLINA: Literatura Brasileira: tendências contemporâneas	CH: 60
<p>EMENTA A Geração literária de 1945. A Literatura da geração de 1960. A ficção e a poesia de 1970 à atualidade (Caracterização estilística, temática e análises de obras fundamentais na prosa e na poesia).</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR: Informações e documentação: referencias bibliográficas. Rio de Janeiro, 2002. AGUIAR, Vera Teixeira de. Como planejar a pesquisa em leitura. In: ROSING, Tânia, BECKER, Paulo (Org.). <i>Leitura e animação cultural: e pensando a escola e a biblioteca</i>. Passo Fundo: UPF, 2002.p. 121-127. ALVES, José Helder Pinheiro. <i>Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos</i>. In: ALVES, José Helder Pinheiro. <i>Pesquisa em literatura</i>. Campinas Grande: Bagagem, 2011. CASTRO, Cláudio de Moura. <i>A prática de pesquisa</i>. São Paulo: McGraw-Hil, 1983. SEVERINO, Antonio Joaquim. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. 22.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR MOLES, Abraham. <i>A criação científica</i>. São Paulo: Perspectivas, 1971.</p>	
DISCIPLINA: Estágio curricular supervisionado anos finais do ensino fundamental – Língua Portuguesa	CH: 135

EMENTA Conceito, objetivos e recomendações do estágio supervisionado. Habilidades técnicas. Simulação de aulas. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.	
REFERÊNCIAS BÁSICA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. <i>Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Portuguesa</i> . Secretaria do Ensino Fundamental, ago. 1996. RIOS, Maria de Fátima Serra. <i>Portfólio: um instrumento de avaliação progressiva</i> . São Luís: UEMA, 2000. RIOS, Maria de Fátima Serra. <i>Dimensão Prática nos cursos de licenciatura: organização técnico-pedagógica da UEMA</i> . São Luís: UEMA, 2011. COMPLEMENTAR NORMAS GERAIS DA UEMA, Normas Específicas-Res. N° 1045/2012-CEPE/UEMA ALVES, Rubem. <i>Conversas com quem gosta de ensinar</i> . São Paulo: Ars Poética, 1995	
DISCIPLINA: Projetos de Pesquisa	CH: 60
EMENTA Trabalho científico: Tipos e etapas. Estruturação do projeto de pesquisa. Planejamento e fundamentação do projeto de pesquisa. Coleta e análise dos dados. Redação preliminar do relatório.	
REFERÊNCIAS BÁSICA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR: Informações e documentação: referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 2002. AGUIAR, Vera Teixeira de. Como planejar a pesquisa em leitura. In: ROSING, Tânia, BECKER, Paulo (Org.). <i>Leitura e animação cultural: e pensando a escola e a biblioteca</i> . Passo Fundo: UPF, 2002.p. 121-127.	

<p>ALVES, José Helder Pinheiro. <i>Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos</i>. In: ALVES, José Helder Pinheiro. <i>Pesquisa em literatura</i>. Campinas Grande: Bagagem, 2011.</p> <p>CASTRO, Cláudio de Moura. <i>A prática de pesquisa</i>. São Paulo: McGraw-Hil, 1983.</p> <p>SEVERINO, Antonio Joaquim. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. 22.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>MOLES, Abraham. <i>A criação científica</i>. São Paulo: Perspectivas, 1971.</p>	
DISCIPLINA: Análise do Discurso	CH: 60
<p>EMENTA</p> <p>Estudo das noções de texto, discurso e gênero textual, com ênfase nas relações entre, discurso e contexto. As leis do Discurso. As diferentes Análises do Discurso. Análise do Discurso: origem, filiação teórica e fases. Conceitos de sentido e sujeito. Condições de produção, ideologia e interdiscurso. Prática discursiva.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA:</p> <p>BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinha SP:UNICAMP, 2004.</p> <p>BETH, Brait. (Org.) Bakhtin dialogismo e construção dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 2005.</p> <p>GREGOLIN, Maria do Rosário& BARONAS, Roberto (Orgs). Análise do discurso: as materialidades do sentido São Paulo: Claraluz, 2003.</p>	

COMPLEMENTAR:

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chaves da análise do discurso.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso:** ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola, 2009.

VANDIJK, Teun A. **Discurso e Poder.** São Paulo: Contexto, 2012.

DISCIPLINA: Gestão educacional e escolar

CH: 60

EMENTA

Gestão Escolar: Tipos, Problemas, Limites, Competência Técnica e Compromisso Político-Social; Gestão Escolar no Contexto da Legislação; Papel do Gestor Escolar e do Coordenador Pedagógico na Gestão Participativa; A Organização do Sistema Educacional: Currículo, Projeto Político-Pedagógico e Avaliação Institucional; O Processo Pedagógico.

REFERÊNCIAS**BÁSICAS**

BELLOTO, Aneridis Aparecida Monteiro; RIVERO, C. M. L.; GONSALVES, E. P. (Orgs.). **Interfaces da Gestão Escolar.** 2. ed. Campinas: Alínea, 2013. 120p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão Escolar:** Teoria e Prática. 6. ed. Barueri-SP: Heccus Editora, 2013. 304p.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica.** 17. ed. (rev. e ampl.) São Paulo: Cortez, 2016. 232p.

LUCK, Heloísa. **Gestão Educacional:** uma questão paradigmática. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. 116p.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (Org.) **Gestão Educacional**: Novos Olhares Novas Abordagens. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. 120p.

COMPLEMENTAR

BERNARDO, João. **Democracia Totalitária – Teoria e Prática da Empresa Soberana**. São Paulo: Cortez, 2004. 168p.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria da Administração**. Rio de Janeiro: Campus, 2014.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: artes e ofícios da participação coletiva**. 18. ed. Campinas: Papirus, 1994. 128p.

LISITA, Verbana Moreira S. de S.; SOUSA, Luciana Freire E. C. P. (Orgs.). **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 240p.

PREEDY, Margaret. **Gestão em Educação: Estratégia, Qualidade e Recursos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

8º PERÍODO

DISCIPLINA: Literatura Maranhense

CH: 60

EMENTA

Literatura Maranhense: origem, formação, movimentos e agremiações. Poesia maranhense (séculos XIX e XX): principais representantes (neoclássicos e românticos, parnasianos, simbolistas, modernistas, contemporâneos da atualidade), em seus aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos. A romanesca maranhense (séculos XIX e XX), principais autores(as) e obras.

REFERÊNCIAS

BÁSICA:

CORREA, Rossini. **O Modernismo no Maranhão**. Brasília: Correa & Correa Editores, 1989.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: SIOGE, 1977.

RAMOS, Clóvis. **Roteiro literário do Maranhão: neoclássicos e românticos**. Niterói, RJ: Clóvis Ramos, 2001.

COMPLEMENTAR:

BRASIL, Assis. **A poesia maranhense no século XX**: antologia. Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Luiz, MA: SIOGE, 1994.

CORREA, Rossini. **Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional**. Brasília: Thesaurus; Correa & Correa Editores, 2001.

LEÃO, Ricardo. **Os Atenienses e a invenção do cânone nacional**. São Luís: Instituto Geia, 2013.

DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado Ensino Médio - Língua Portuguesa

CH:
180

EMENTA

Estágio supervisionado: normas de operacionalização de estágio. Planejamento: formulação de objetivos. Técnicas de incentivação. Seleção e organização de conteúdo. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Média e Tecnológica-Brasília:MEC, SEMTEC, 2002;

<p>RIOS, Maria de Fátima Serra. <i>Dimensão Prática nos cursos de licenciatura: organização técnico-pedagógica da UEMA</i>. São Luís: UEMA, 2011.</p> <p>NORMAS GERAIS DA UEMA, Normas Específicas-Res. Nº 890/2009-CEPE/UEMA e Res. Nº 423/2003-CONSUN-UEMA)</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>IMBERNÓN, Francisco. <i>Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza</i>. 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2006.</p> <p>JOSÉ, Elias. <i>Uma Escola Assim eu Quero para mim</i>. 3ª ed. São Paulo: FDT, 1997..</p> <p>LIMA, Diógenes Cândido de (at al). <i>Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão, múltiplo olhares</i>. São Paulo: Parábola Editoria, 2011.</p> <p>MARTINEZ, Pierre. <i>Didáticas de línguas estrangeiras</i>. Tradutor Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.</p> <p>PIMENTA, Selma Garrido. <i>Estágio e Docência</i>. 3ª Edição – São Paulo: Cortez, 2008.</p> <p>SILVA, Kleber Aparecido da. <i>Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade: linhas e entrelinhas</i>. Coleção Novas Perspectivas em Língua Aplicada. Vol 1, Campinas: Pontes Editores, 2010.</p>	
DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado de Gestão Escolar	CH: 90
<p>EMENTA</p> <p>Análises de situações da prática educacional que enfatizem o desempenho profissional criativo a partir de observação, participação, planejamento, execução e avaliação institucional, de modo a possibilitar a inserção do aluno no contexto profissional, por meio da vivência de situações práticas de natureza pedagógica e atividades específicas às diferentes modalidades no processo educacional. Acompanhamento dos projetos realizados pelas escolas.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs.). Conhecimento local e conhecimento universal: Práticas sociais, aulas, saberes e políticas. Curitiba: Champagnat, 2004.</p>	

BELLOTO, Aneridis Aparecida Monteiro; RIVERO, C. M. L.; GONSALVES, E. P. (Orgs.). **Interfaces da Gestão Escolar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2013. 120p.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: artes e ofícios da participação coletiva**. 18. ed. Campinas: Papyrus, 1994. 128p.

COMPLEMENTAR

LUCK, Heloísa. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. 116p.

ALARCAO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2010.

SASSAKI, R. **Inclusão / Construindo uma Sociedade para Todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

DISCIPLINAS OPTATIVAS

DISCIPLINA: Tópicos emergentes em...

CH: 60

EMENTA

Esta disciplina não terá ementa definida, em razão do caráter circunstancial vinculado ao contexto social.

REFERÊNCIAS

As referências dependem do tema escolhido.

DISCIPLINA: Educação à distância

CH: 60

EMENTA

Integração e utilização das TICS no processo de ensinar e aprender. Percurso histórico da criação e institucionalização da EAD no Brasil e no Maranhão. Fundamentos legais da EAD. Características e funções da EAD. Bases teórico-metodológicas da EAD.

Apropriações em ambientes virtuais de aprendizagem. Componentes de um sistema de EAD. Avaliação em EAD.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

CORRÊA, Juliane (Org.). **Educação à distância: orientações metodológicas**. São Paulo: Artmed, 2007.

DEMO, Pedro. **Questões para a Teleducação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERRETI, Celso João. et all. **Novas tecnologias, trabalho e educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARIA, Elaine Turk. (Org.). **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da tutoria em educação à distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

COMPLEMENTAR

GONÇALVES, C. T. Fernandez. **Quem tem medo do ensino à distância?** Revista Educação à distância, nº 78, INED/ IBASE, 1996.

JONASSEN, David. **O uso das Novas Tecnologias na Educação a Distância e aprendizagem Construtiva**. Em Aberto. Brasília: ano 16 nº. 70 p. 70-88, abril/jun, 1996.

MORAN, José Manuel. **O que é educação à distância**. USP/SP. 2013. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br.professor.moran>>.

MOORE, Michael. **Educação à distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomsom, 2007.

PRETI, Oreste (Org.). **Educação à distância: construindo significados**. Cuiabá NEAD/IE/ UFMT, Brasília, Plano 2000.

DISCIPLINA: História da Educação Brasileira

CH: 60

EMENTA

A Educação no contexto histórico da formação do Estado Brasileiro: período Colonial até os dias atuais. A educação no contexto neoliberal. Educação maranhense : aspectos sociais e históricos

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ARANHA, Maria Luisa de A. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 2006.

CADERNO DE PESQUISA, nº 107, julho de 1999/ nº 106, março de 1999. Fundação Carlos Chagas. Autores associados. São Paulo.

CARNOY, Martin. *Escola e trabalho na escola capitalista*. Cortez, 2008.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB Fácil. *Leitura crítico compreensiva: artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª edição, 200.

CHIRALDELLI Jr. , Paulo. *História da Educação. O ensino superior no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 2009.

COMPLEMENTAR

DEMO, Pedro. *A Nova LDB: ranços e avanços*. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FRGOTTO, G. *Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.4, n.1, jan. 2009.

GENTIL, Pablo. *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis, Vozes, 2005.

MELO, Guiomar Namó de. *Escola Nova, tecnicismo e educação contemporânea*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1986.

DISCIPLINA: Teoria da Comunicação

CH: 60

EMENTA

Comunicação: Conceito e História. Visão Sistêmica. A Comunicação e a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Comunicação e Semiologia. Teoria da Linguagem, Processo Signífico: Níveis Sintáticos, Semânticos, Pragmáticos e as Formas de Comunicação no Mundo Atual.

<p>REFERÊNCIAS BÁSICA BELTRÃO, Luiz. <i>Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa</i>. São Paulo: Summus, 1986. BORDENAVE, Juan E. Diniz. <i>O que é comunicação</i>. São Paulo: Brasiliense, 2006. HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz C. (Org.) <i>Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências</i>. Petrópolis: Vozes, 2001. LIMA, Luiz, Costa (Org.). <i>Teoria da Cultura de Massa</i>. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.</p> <p>COMPLEMENTAR MARQUES MELO, José. <i>Teorias da Comunicação: paradigmas Latino-Americano</i>. Rio: Vozes, 1998. MATTELART, A.; MATTELART, M. <i>História das teorias da comunicação</i>. São Paulo: Loyola, 1999.</p>	
DISCIPLINA: Produções Acadêmico – Científicas	CH: 60
<p>EMENTA</p> <p>Gêneros textuais e produções acadêmico-científicas com enfoque na orientação para pesquisa e produção de trabalho de conclusão de curso.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA: CERVO, A. L e BERVIAN, P. Metodologia Científica. São Paulo: Prentice Hall, 2003. LUNA, S V. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ, 2002. OLIVEIRA,S.L.Tratado de Metodologia Científica. Projetos de Pesquisas, TGI, TCC.</p>	

COMPLEMENTAR:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

MENDONÇA, L. M. N. **Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2005.

DISCIPLINA: Cultura e Realidade Brasileira

CH: 60

EMENTA

Cultura Brasileira: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura. Ideologia e Visão do Mundo da Cultura Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Nacional. Cultura Nacional e Regional. Cultura Popular Brasileira

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ARANHA, Maria Luisa de A. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 2006.

CADERNO DE PESQUISA, nº 107, julho de 1999/ nº 106, março de 1999. Fundação Carlos Chagas. Autores associados. São Paulo.

CARNOY, Martin. *Escola e trabalho na escola capitalista*. Cortez, 2008.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB Fácil. *Leitura crítico compreensiva: artigo a artigo*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHIRALDELLI Jr. Paulo. *História da Educação: O ensino superior no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 2009.

COMPLEMENTAR

DEMO, Pedro. *A Nova LDB: ranços e avanços*. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

FRGOTTO, G. *Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.4, n.1, jan. 2009.

<p>GENTIL, Pablo. <i>Pedagogia da exclusão: critica ao neoliberalismo em educação</i>. Petrópolis, Vozes, 2005.</p> <p>MELO, Guiomar Namó de. <i>Escola Nova, tecnicismo e educação contemporânea</i>. 3 ed. São Paulo, Loyola..</p>	
DISCIPLINA: Língua Estrangeira Instrumental	CH: 60
<p>EMENTA Ênfase na leitura. Utilização de estratégias eficientes que capacitem o aluno a ler com compreensão textos em língua estrangeira sem auxílio de dicionário.</p>	
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA ARAÚJO, Antonia Dilamar (et al). <i>Caminhos para a leitura: inglês instrumental</i>. Alínea Publicações Editora, 2002.</p> <p>SOUZA, Adriana Grade Fiori (et al). <i>Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental</i>. 2ª Ed. São Paulo : Disal, 2010.</p> <p>BEAUMONT, Digby & GRANGER, Colin. <i>The Heinemann ELT English Grammar</i>. MacMillan Heinemann, 2005.</p> <p>BOLTON, David e GOODEY, Noel. <i>English Grammar in Context</i>. São Paulo, Richmond Publishing, 2005.</p> <p>MURPHY, Raymond. <i>English Grammar in Use</i>. Cambridge University Press, 2005.</p> <p>COMPLEMENTAR SWAN, Michael. <i>Practical English Usage</i>. Oxford University Press, 2005.</p> <p>VINCE, Michael. <i>McMillan English Grammar: in context</i>. Intermediate. McMillan, 2008</p>	
DISCIPLINA: Filosofia da Linguagem	CH: 60

EMENTA

Formulação das questões linguageiras, O universo do símbolo, As estruturas da linguagem, Pensamento e Palavra. O discurso. Linguagem e cultura. Questões hermenêuticas.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ALSTON, P. W. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

AUROUX Sylvain. *Filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

COSTA, Alexandre Araújo. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Disponível em: <http://www.arcos.org.br/livros/hermeneutica-filosofica/capitulo-v-hermeneutica-e-linguagem>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

MARTINS, Helena. *Três caminhos na filosofia da linguagem*. In: BENTES, Anna Chistina (Orgs.) *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, p. 439-472. 2004.

COMPLEMENTAR

BLIKSTEIN, Isidoro. *KasparHauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1995. (Do capítulo II ao VIII)

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. (À procura da essência da linguagem)

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1997. (Semiótica ou teoria dos signos)

6.6.Prática como Componente Curricular Investigativo

Importante situar a concepção e o entendimento do papel da prática como componente curricular e do estágio supervisionado, resguardando a especificidade de cada um e sua necessária articulação, bem como a necessária supervisão desses momentos formativos, a caracterização dos mesmos como parte obrigatória da formação tal como delineado no Parecer CNE/CP nº 28/2001 e reforçado no Parecer CNE/CES nº 15/2005.

O Parecer CNE/CP nº 2/2015 da Resolução CNE/CP nº 2/2015 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica ratifica o Parecer CNE/CP nº 28/2001 que distingue a prática como componente curricular do estágio supervisionado:

A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente (...) de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica. Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo. **Em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre conjuntamente para a formação da identidade do professor como educador.** Esta correlação teoria e prática é um movimento contínuo entre saber e fazer na busca de significados na gestão, administração e resolução de situações próprias do ambiente da educação escolar. A prática, como componente curricular, que terá necessariamente a marca dos projetos pedagógicos das instituições formadoras, **ao transcender a sala de aula para o conjunto do ambiente escolar e da própria educação escolar, pode envolver uma articulação com os órgãos normativos e com os órgãos executivos dos sistemas.** Com isto se pode ver nas políticas educacionais e na normatização das leis uma concepção de governo ou de Estado em ação. **Pode-se assinalar também uma presença junto a agências educacionais não escolares tal como está definida no Art. 1º da LDB. Professores são ligados a entidades de representação profissional cuja existência e legislação eles devem conhecer previamente.** Importante também é o conhecimento de famílias de estudantes sob vários pontos de vista, pois eles propiciam um melhor conhecimento do ethos dos alunos. (Grifo nosso)

É fundamental que haja tempo e espaço para a prática, como componente curricular, desde o início do curso e que haja uma supervisão da instituição formadora como forma de apoio até mesmo à vista de uma avaliação de qualidade.

(...) Por outro lado, é preciso considerar um outro componente curricular obrigatório integrado à proposta pedagógica: estágio curricular supervisionado de ensino entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se

demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado.

Este é um momento de formação profissional do formando seja pelo exercício direto *in loco*, seja pela presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado. Ele não é uma atividade facultativa sendo uma das condições para a obtenção da respectiva licença. Não se trata de uma atividade avulsa que angarie recursos para a sobrevivência do estudante ou que se aproveite dele como mão-de-obra barata e disfarçada. Ele é necessário como momento de preparação próxima em uma unidade de ensino. (...)

Assim o estágio curricular supervisionado deverá ser um componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade intrinsecamente articulada com a prática e com as atividades de trabalho acadêmico.

Ao mesmo tempo, os sistemas de ensino devem propiciar às instituições formadoras a abertura de suas escolas de educação básica para o estágio curricular supervisionado. Esta abertura, considerado o regime de colaboração prescrito no Art. 211 da Constituição Federal, pode se dar por meio de um acordo entre instituição formadora, órgão executivo do sistema e unidade escolar acolhedora da presença de estagiários. Em contrapartida, os docentes em atuação nesta escola poderão receber alguma modalidade de formação continuada a partir da instituição formadora. Assim, nada impede que, no seu projeto pedagógico, em elaboração ou em revisão, a própria unidade escolar possa combinar com uma instituição formadora uma participação de caráter recíproco no campo do estágio curricular supervisionado.

O Parecer CNE/CES nº 15/2005 ratifica essa compreensão ao afirmar que:

(...) a prática como componente curricular é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência. Por meio destas atividades, são colocados em uso, no âmbito do ensino, os conhecimentos, as competências e as habilidades adquiridos nas diversas atividades formativas que compõem o currículo do curso. **As atividades caracterizadas como prática como componente curricular podem ser desenvolvidas como núcleo ou como parte de disciplinas ou de outras atividades formativas. Isto inclui as disciplinas de caráter prático relacionadas à formação pedagógica, mas não aquelas relacionadas aos fundamentos técnico-científicos correspondentes a uma determinada área do conhecimento.** Por sua vez, o estágio supervisionado é um conjunto de atividades de formação, realizadas sob a supervisão de docentes da instituição formadora, e acompanhado

por profissionais, em que o estudante experimenta situações de efetivo exercício profissional. O estágio supervisionado tem o objetivo de consolidar e articular as competências desenvolvidas ao longo do curso por meio das demais atividades formativas, de caráter teórico ou prático. (Grifo nosso)

O referido Parecer destaca, ainda, que:

As disciplinas relacionadas com a educação que incluem atividades de caráter prático podem ser computadas na carga horária classificada como prática como componente curricular, mas o mesmo não ocorre com as disciplinas relacionadas aos conhecimentos técnico-científicos próprios da área do conhecimento para a qual se faz a formação. Por exemplo, disciplinas de caráter prático em Química, cujo objetivo seja prover a formação básica em Química, não devem ser computadas como prática como componente curricular nos cursos de licenciatura. **Para este fim, poderão ser criadas novas disciplinas ou adaptadas as já existentes, na medida das necessidades de cada instituição.** (Grifo nosso).

Na formação docente, a relação teoria e prática deve ocorrer por meio de múltiplas maneiras, conforme o que foi estabelecido,

[...] uma concepção de prática mais como componente curricular implica em vê-la como uma dimensão do conhecimento, que tanto está presente nos cursos de formação nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio nos momentos em que se exercita a atividade profissional. (PARECER CNE/CP 9/2001, p. 23).

A partir dessa perspectiva, distingue-se, de um lado, a prática como componente curricular investigativo e, de outro, a prática de ensino desenvolvida no estágio obrigatório definidos em lei. A primeira é mais abrangente, contemplando dispositivos legais a partir do entendimento que se constitui numa prática que produz algo no âmbito do ensino, sendo um trabalho consciente cujas diretrizes se nutrem do Parecer CNE/CP nº 9/2001, devendo ser uma atividade flexível quanto aos outros pontos de apoio do processo formativo.

A prática como componente curricular deve ser planejada na elaboração do projeto pedagógico, e seu acontecer dá-se desde o início da duração do processo em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, concorrendo, conjuntamente, para a formação da identidade do professor como educador.

Considera ainda o novo paradigma das diretrizes nacionais sobre a formação de educadores e suas exigências legais voltadas para um padrão de qualidade nos cursos de licenciatura.

Desse modo, a prática curricular desenvolve atitudes investigativas, reflexivas e atuantes frente à complexidade da realidade educacional. Além disso, cria espaço para o exercício da capacidade de pesquisar o fato educativo, estimulando o estudante à reflexão e à intervenção no cotidiano da prática pedagógica investigativa e promovendo a integração dos estudantes. Pode também socializar experiências que contribuam para a iniciação científica, por meio da prática da pesquisa em educação, no sentido de fortalecer e articular os saberes para a docência na busca da formação da identidade do professor.

No Parecer CNE/CP nº 2/2015, aprovado em 9 de junho de 2015, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, destaca-se que é importante apreender os processos e, sobretudo, situar a concepção e o entendimento do papel da prática e do estágio supervisionado como componentes curriculares, resguardando a especificidade de cada um e sua necessária articulação, bem como a necessária supervisão desses momentos formativos, a caracterização dos mesmos como parte obrigatória da formação tal como delineado no Parecer CNE/CP nº 28/2001 e reforçado no Parecer CNE/CES nº 15/2005.

A Universidade Estadual do Maranhão, por meio da Resolução nº 1.264/2017 – CEPE/UEMA estabeleceu as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Licenciatura da UEMA, em que define, entre outras orientações voltadas para a construção do currículo desses cursos, os componentes curriculares que formam o núcleo prático, conforme o prescrito pelo Parecer CNE/CP nº 2/2015 e pela Resolução CNE/CP nº 2/2015 que orienta, a saber: Prática Curricular na Dimensão Político-Social, Prática Curricular na Dimensão Educacional, Prática Curricular na Dimensão Escolar e todos os estágios.

O núcleo prático é formado pelos seguintes componentes curriculares: os estágios curriculares supervisionados, as três práticas curriculares e as atividades teórico-práticas.

As três práticas estabelecidas na Resolução nº 1.264/2017 – CEPE/UEMA e fundamentadas a partir da orientação dos Pareceres CNE/CP nº 28/2000, CNE/CES nº 15/2005 e CNE/CP nº 2/2015 da Resolução CNE/CP nº 2/2015 estão assim definidas:

- I - Prática Curricular na Dimensão Político-Social (135h);
- II - Prática Curricular na Dimensão Educacional (135h) e
- III - Prática Curricular na Dimensão Escolar (135h).

A metodologia escolhida para a realização dessas atividades inclui a realização de projetos integradores, os quais serão desenvolvidos do 2º ao 4º período, momentos nos quais o aluno receberá orientações acerca da construção dos projetos e do tempo específico para desenvolvê-los. Em cada um desses períodos os projetos envolverão outras disciplinas, numa perspectiva interdisciplinar. Dentre essas atividades, podemos citar a participação em pesquisas educacionais, programas de extensão, elaboração de material didático, desenvolvimento de projetos de eventos científicos, entre outros. As práticas curriculares serão desenvolvidas em diferentes contextos educacionais e terão elementos teóricos e didático-metodológicos a fim de potencializar as práticas docentes. Devem enfatizar o conhecimento interdisciplinar e possibilitar uma constante atualização curricular, tratando de questões emergentes no aspecto científico-político-sociocultural. Devem suscitar a reflexão da prática formativa, com fins interventivos conscientes e sistematicamente na realidade educacional em que se inserem, colaborando dessa forma, com a qualidade do ensino e com a formação de pessoas cidadãs aptas a construir uma sociedade menos desigual (Caderno de Práticas Curriculares, 2010, p.9). Poderá ser feita em forma de projetos temáticos com envolvimento da comunidade escolar ou em espaços não formais da comunidade, tais como: oficinas de trabalho; produção de textos, produção de materiais didáticos tais como: livretos, cartilhas, jogos,, visitas científicas, viagens culturais, etc. a depender da prévia aprovação da Direção dos Cursos de Licenciatura.

Distribuição da carga horária de Prática Curricular em três períodos nos Cursos de Licenciatura da UEMA.

Período s	Reunião como professor/tutor	Atividade independente do aluno	Produção do Trabalho Final	Total
2º	45 h	60h	30h	135h
3º	45h	60h	30h	135h
4º	45h	60h	30h	135h
TOTAL	135h	180h	90h	405h

Fonte: Dimensão prática nos cursos de licenciatura: organização técnico-pedagógica da UEMA.

O processo formativo do professor como prática pedagógica reflexiva e investigativa visa buscar o saber e o fazer como tarefa interativa, presente na significação social da profissão, na reflexão e na investigação da atividade profissional, valorizada pela pesquisa

individual e coletiva, no sentido de fortalecer e articular os saberes da docência na formação da identidade do professor como educador.

Entre as ações a serem desenvolvidas pelo estudante no âmbito da prática curricular, destaca-se a participação em atividades voltadas à pesquisa, à reflexão e à intervenção em situações problemas na comunidade. Para tanto, o estudante será devidamente encaminhado à instituição de ensino ou outros espaços educacionais credenciados.

Para a consecução da PPC, entende-se que as metodologias propostas podem considerar os seguintes procedimentos como:

- ✓ Observação de diferentes dimensões da prática educativa; reflexão; registros de observações realizadas e resolução de situações-problema;
- ✓ Observação e reflexão sobre a prática educativa com a possibilidade de utilização de tecnologias de informação;
- ✓ Levantamento e análise de materiais e livros didáticos;
- ✓ Levantamento e análise de documentos relativos à organização do trabalho na escola;
- ✓ Coleta e análise de narrativas orais e escritas de profissionais da educação, estudantes e pais ou responsáveis pelos alunos da escola básica;
- ✓ Estudos de caso delineados a partir dos desafios encontrados no contexto escolar relacionados a: questões de ensino e de aprendizagem; projetos educativos; articulação entre profissionais e diferentes setores da escola; relação família e escola; formação continuada de professores e de gestores da escola básica.

A prática curricular terá como objetivo articular diferentes conjuntos de conhecimentos, saberes e experiências que serão adquiridos e vivenciados pelos estudantes em diferentes tempos e espaços no transcorrer do curso, de maneira a aprofundar a compreensão da prática educativa em contextos distintos. Deverá, portanto, atender às especificidades de cada curso de licenciatura da UEMA.

As atividades na prática curricular serão norteadas por temáticas específicas de acordo com o Projeto Pedagógico deste curso. Está organizada em um total de 405 (quatrocentas e cinco) horas equivalente a 09 (nove) créditos, distribuídas do segundo ao

quinto período do curso. A avaliação das atividades relacionadas à Prática Curricular será feita pelo professor (a) no decorrer desse componente curricular.

Concepções das práticas curriculares nos cursos de Licenciatura da UEMA

□ **Prática Curricular na Dimensão Político-Social - 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Político-Social** visa orientar e fornecer a formação dos saberes da docência por meio de ferramentas didático pedagógicas para que possam realizar práticas curriculares contextualizadas e interdisciplinares, a partir de conteúdos que demonstrem a dimensão político-social da Educação. Esta prática deverá proporcionar a compreensão das funções sociais e políticas da Educação, da escola como instituição social inserida em uma comunidade, além da contextualização das problemáticas sociais, culturais e educacionais, desenvolvidas por meio de projetos educacionais temáticos a partir de questões cientificamente relevantes das práticas curriculares em uma visão interdisciplinar e multidisciplinar.

□ **Prática Curricular na Dimensão Educacional– 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Educacional** tem o intuito de contribuir na formação dos saberes da docência, considerando as concepções sobre a significação social da profissão, a relevância da atividade docente e no espaço pedagógico do professor. Essa prática deverá permitir a organização da ação docente voltada para sua atuação, na direção do ensino, da pesquisa e da extensão, possibilitando também conhecer as metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores na educação básica, na busca da construção da identidade do ser professor, na sociedade atual. Essa prática curricular deve ser desenvolvida na visão interdisciplinar e multidisciplinar por meio da construção e desenvolvimento de projetos educativos temáticos.

□ **Prática Curricular da Dimensão Escolar – 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Escolar** visa contribuir com a formação dos saberes da docência, considerando a dimensão democrática e participativa na escola como

ambiente da formação social do indivíduo cidadão para o exercício consciente da cidadania, devendo abordar a escola a partir da diversidade que deve fundamentar o projeto pedagógico, na sua estrutura, organização e dinâmica administrativa-técnico-pedagógica, buscando por meio da construção e do desenvolvimento de projetos educativos que contemple a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; a valorização da experiência extraescolar; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino.

A Prática no Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa encaminha-se na perspectiva de um componente curricular, possibilitando a colaboração mais estreita para a formação da identidade do professor pesquisador, reflexivo e atuante na sociedade, a partir da articulação com as demais disciplinas, mediante ações educativas integradoras, que estreitem o vínculo da universidade com a escola de Educação Básica e a sociedade em geral.

A Prática como Componente Curricular, ao transcender a sala de aula, o conjunto do ambiente da escola e a própria educação escolar, pode envolver-se com órgãos normativos e executivos dos sistemas de ensino, agências educacionais não escolares, entidades de representação profissional, família e comunidade

6.6.1 Prática no Curso de Letras do CESC/UEMA

A Prática como Componente Curricular se constitui na formação docente através da relação entre educação e trabalho, observando que esses aspectos, no curso de Letras, não se desvinculam das atividades de leitura e escrita, na perspectiva do letramento, entendendo-as como elementos importantes para a atuação no processo educativo. A relação estabelecida entre a teoria, em cada disciplina, e sua articulação com os conteúdos e métodos trabalhados nos períodos, integram os componentes curriculares: o acadêmico, o laboral e o investigativo, a partir do ingresso do aluno na realidade educacional, desde o início de sua vida universitária.

A carga horária da Prática é de 405 horas equivalentes a 09 créditos, distribuídos a partir do segundo período. É, portanto, uma atividade por onde transitam, de forma coerente e organizada, os conhecimentos das diversas áreas de estudo e, sobretudo, assumem caráter integrador no curso.

A Prática é desenvolvida com vistas a despertar autonomia, responsabilidade e compromisso social sendo que, dentre algumas ações implementadas pelo discente no decorrer dessas disciplinas, citam-se: a participação em atividades voltadas à pesquisa, reflexão e intervenção em situações-problema na comunidade escolar ou extra-escolar e a produção de trabalhos científicos diversos. Algumas atividades são desenvolvidas no ambiente educativo, futuro campo de atuação do profissional, e serve como oportunidade para o confronto entre a teoria apreendida e a prática, com vistas à investigação científica.

A Prática é defendida como instrumento de integração e conhecimento do aluno com a realidade social, política, econômica e do trabalho de sua área/curso, como instrumento de iniciação à pesquisa e ao ensino e como instrumento de iniciação profissional.

O trabalho realizado na Prática como Componente Curricular está apoiado na análise da realidade, orientado pela leitura estruturada tanto no desenvolvimento do próprio componente como naquelas realizadas nos demais componentes. Tendo isto em vista, o professor de Prática em comunhão com os seus alunos definem as temáticas que vão ser pesquisadas, aprofundando os conteúdos, preferencialmente, questões relacionadas às práticas leitoras.

Sendo uma disciplina que faz parte da estrutura curricular do Curso de Letras, com 405h/a, faz-se necessária sua organização com a presença de um professor para cada dimensão para que seja responsável pela orientação dos projetos dos alunos, acompanhamento e avaliação dos relatórios gerados pelos resultados de cada pesquisa, finalizando com a apresentação dos resumos.

6.6.2- Operacionalização da Prática

As práticas curriculares serão desenvolvidas no decorrer do período de acordo com o cronograma previamente estabelecido.

Primeiro período de 45 horas: Nas primeiras 20 horas, serão realizadas atividades em sala de aula com o professor (a) com a finalidade de orientar, acompanhar e avaliar as atividades de elaboração dos projetos, instrumentos, levantamentos de dados e informações. Ao final dessas primeiras 20h, o aluno deverá apresentar um esboço de projeto ou plano de atividades a serem executados no espaço educativo definido previamente. As 25 horas que

faltam para totalizar as 45 horas da 1ª unidade serão trabalhadas de acordo com o cronograma estabelecido no plano de trabalho ou projeto, constando de:

- ✓ Revisão da literatura da temática escolhida;
- ✓ Visitas aos espaços educacionais com vistas a investigação ou desenvolvimento de atividades pedagógicas (levantamento de dados, documentos legais), quais sejam:
 - a) estudo do planejamento de ensino do período correspondente a etapa do desenvolvimento das práticas com vistas a interdisciplinaridade;
 - b) levantamento da realidade estudada;
 - c) leitura e análise do Projeto Pedagógico da Escola;
 - d) leitura do Regimento Interno da Escola;
 - e) leitura dos projetos desenvolvidos pela escola.

A operacionalização deverá ser em grupo. O acompanhamento pedagógico será feito pelo professor em encontros presenciais. Os demais acompanhamentos serão realizados via e-mail com a obrigatoriedade de ambas as partes realizarem as devolutivas dos e-mails.

Segundo período de 45 horas: Nas primeiras 20 (vinte) horas, o professor deverá orientar os alunos acerca da organização e tratamento dos dados coletados, bem como de todo o material bibliográfico levantado para a fundamentação do projeto ou plano de trabalho. Além disso, o professor deverá entregar o roteiro de relatório do componente curricular. Nas 25 (vinte e cinco) horas restantes, o aluno deverá elaborar a primeira versão do relatório, de acordo as orientações estabelecidas previamente, e entregar ao professor para avaliação.

Terceiro período de 45 horas: Nas 25 (vinte e cinco) horas, o aluno deverá organizar a apresentação do relatório a partir das orientações estabelecidas pelo professor quanto aos procedimentos. Nas 20 (vinte) horas restante, preparação e realização do seminário ou ação social da prática com a participação de comunidade. Etapa da elaboração do relatório com carga horária de 25 horas para:

- O registro dos diários será feito de 45 em 45 horas.
- As atribuições de nota serão distribuídas da seguinte forma:
 - ✓ Primeira nota – elaboração do projeto e instrumentos de levantamentos de dados e informações;

- ✓ Segunda nota – elaboração de relatório com análise dos dados e informações;
- ✓ Terceira nota – apresentação oral no seminário.

6.7. Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio constitui-se um momento ímpar para o graduando interagir com a realidade do contexto educacional, inserindo-se em situações concretas de articulação entre teoria e prática na composição de dinamização da práxis educativa.

O Curso de Letras, segundo as Normas Gerais do Ensino de Graduação e Normas complementares, da UEMA, consta de aulas ministradas nos níveis Fundamental e Médio, sob a coordenação e acompanhamento do professor, havendo uma etapa antecedente: apresentação de fundamentação teórica e orientações metodológicas que subsidiam a realização do estágio nas escolas-campos. Para a integralização da carga horária da disciplina, são dinamizadas atividades didáticas complementares, tais como: oficinas, seminários, feiras pedagógicas, ciclo de palestras, entre outras ações na escola-campo.

Sob o prisma de que o Estágio Supervisionado configura-se como oportunidade para a Universidade proporcionar, aos acadêmicos e futuros docentes, momentos favoráveis à efetivação de pesquisa nos variados âmbitos de ensino, procura-se, ainda que forma incipiente, inseri-la na formação do profissional do ensino de Letras, na etapa em questão, com o fim de dotá-las de competências e habilidades para o eficiente exercício da prática docente. Todas as etapas do estágio são discutidas, levando em conta um cronograma elaborado em conjunto com a Coordenação do Estágio de Letras.

Importante ressaltar, ainda, que desde 2010, existe uma Coordenação de Estágio, sob a responsabilidade de um professor do Departamento de Letras, para discutir a operacionalização e acompanhamento do Estágio, cuja escolha ocorre a cada dois anos.

COORDENAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

NOME	CARGO
Solange Santana G. Guimarães	Profª. Adjunto 40h

6.8. Atividade Teórico-Práticas (ATP)

O Departamento de Letras tem desenvolvido, na forma de atividades complementares ao currículo, ações permanentes que visam mobilizar todos os docentes e discentes para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem, cuja carga horária totaliza 225h. Os professores têm incentivado seus alunos a apresentarem trabalhos científicos em seminários e congressos, bem como a participarem de projetos, submetidos a Editais PIBIC e PIBEX, que oportunizam a cultura da produção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia intelectual do discente.

Como atividades permanentes, o Departamento de Letras conta desde 1998, com a realização do Encontro Municipal do PROLER-PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA. Enquanto programa oficial do Ministério da Cultura, o PROLER, criado desde 1992, tem as seguintes diretrizes norteadoras para incentivar a formação de leitores⁵:

- Diversidade de ações e de modos de leitura que se manifestam nas práticas de leitura promovidas nos locais e instituições de âmbitos variados; nos diversos gêneros textuais; nas atividades organizadas.
- Especificidade do ato de ler, entendendo-se que atos de leitura e suas linguagens exigem modos próprios e competências específicas.
- Articulação leitura e cultura, não se compreendendo a leitura fora dos contextos nos quais se expressam a riqueza da vida humana e as suas produções.
- Prioridade da esfera pública, por concentrar a maioria das ações e dos agentes de leitura, tomando como irradiadora das práticas leitoras, nela concretizando-se ações voltadas aos interesses da maioria da população leitora e não leitora.
- Publicidade da leitura, enfatizando-se que ela precisa ser tema na cena social.
- Democratização do acesso à leitura, pela disponibilização de material de leitura em bibliotecas escolares e públicas, em salas de aula e em salas de leituras em locais públicos.

Desse modo, a realização do PROLER no Centro de Estudos Superiores de Caxias, sob a coordenação do Curso de Letras, uma parceria oficializada através de convênio renovado de quatro em quatro anos, tem possibilitado que toda a comunidade do Centro coloque em pauta de discussão com pesquisadores, professores e autores de expressão nacional, a problemática da leitura. Temática esta de interesse de todos os educadores, em

⁵ PROLER: concepções, diretrizes e ações. FBN - Ministério da Cultura. Rio de Janeiro, 1998, p. 8 e 9.

especial da área de Letras. Os encontros têm se constituído, portanto, em momentos de atualização de conhecimento sobre os avanços da pesquisa sobre leitura, bem como sobre novas metodologias para formar leitores.

É com a intencionalidade de otimizar, ainda mais, a formação inicial do acadêmico de Letras e de aprofundar a formação continuada, que o Departamento realiza outras atividades permanente – o Simpósio de Letras - momento em que professores e alunos do curso participam ativamente de palestras, conferências, mesa redonda, oficinas e comunicações, numa demonstração de compromisso com a construção crítica e autônoma do conhecimento e com novas formas de abordagem desse conhecimento. Integrando o científico ao cultural, o Departamento organiza A Mostra de Talentos e coordena o Grupo de Teatro de Letras-TEALE.

Finalmente, importa destacar o Seminário de Iniciação ao Curso de Letras, realizado a cada semestre, para receber os novos alunos, apresentar o curso, projetos e ações, com a presença de professores e alunos, principalmente, os bolsistas e monitores que são escalados para darem depoimentos, como forma de incentivo ao recém-ingressos.

6.9- Outras atividades curriculares (Integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão)

6.9.1 Pós-Graduação

O curso de Letras, atualmente, conta com um número significativo de professores doutores. Tendo em vista essa realidade, o curso tem como perspectiva a oferta de uma pós-graduação *Stricto Sensu*, numa proposta que integra os Departamentos de Letras, História e Educação possibilitando o retorno de nossos egressos, bem como o incremento do processo de formação continuada de profissionais envolvidos com o ensino, nos diversos níveis.

6.9.2. Pesquisa

A pesquisa constitui-se ação fundamental ao processo de formação do graduando, na medida em que promove o aprofundamento nas temáticas específicas relacionadas a cada área de estudos e possibilita-lhe ultrapassar os limites das disciplinas. A articulação do ensino com a pesquisa e extensão cria mecanismos que permitem a autonomia na produção do conhecimento, assim como possibilita um interrogar sobre a realidade de modo crítico e permanente – ponto de partida para soluções criativas dos problemas educacionais.

No que concerne à pesquisa alguns projetos têm oportunizado a participação dos alunos, tornando-os mais ativos, interessados, críticos, detentores de habilidades que ajudam a promover a sua participação como pesquisador na comunidade onde atua. A seguir, alguns dos projetos de pesquisa do curso:

- As atitudes linguísticas dos falantes no Maranhão.
- As manifestações culturais caxienses numa perspectiva discursiva.
- Literatura caxiense: digitalização, preservação e resgate.
- Projeto: Acervo da Academia Caxiense de Letras: preservação, digitalização e divulgação.
- Tecendo contos populares maranhenses.
- Revelando os aspectos linguísticos-expressivos em Ana Maria Machado e José Paulo Paes.

6.8.3 Extensão

Quanto à extensão, entende-se que são atividades decorrentes do ensino e das linhas de pesquisas desenvolvidas em cada curso, de modo que a Universidade e comunidade estreitem suas relações. Esse diálogo permite romper o confinamento que caracteriza a docência no ensino superior, ao mesmo tempo em que abre possibilidades para o futuro profissional interagir com a realidade, inserir-se no processo de *aprender a aprender*, bem como adquirir uma atitude investigativa, sob a ótica da interdisciplinaridade. Informa-se a seguir os projetos de extensão do curso de Letras:

- Projeto de extensão continuada em Língua Inglesa – PECLI.
- Círculos de leitura: lendo, contando e formando leitores.
- Dinamizando leitura, produção de texto e Literatura no Ensino Médio.
- Disseminação da Libras e sua contribuição no trabalho docente do intérprete com discente surdo e ouvinte da escola pública de Caxias-MA.
- Nasce uma comunidade leitora.
- Ponto de leitura Nasce uma criança leitora.
- Projeto Guardiões da Leitura.
- Leitura de textos literários no Ensino Fundamental em uma perspectiva linguístico-expressiva.

- Projeto SOLER.
- Leitura crítica no contexto das aulas de inglês a partir da diversidade de gêneros textuais.
- Abordagens e metodologias para o ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental nas escolas públicas de Caxias-MA.
- Prática de leitura inglesa no Ensino Fundamental.

Entendendo a importância da pesquisa e da extensão como implementação para a formação do discente, o curso apresenta três grupos de pesquisa registrados no CNPq, sob a coordenação de professores do Departamento de Letras, atuando nas áreas de Literatura e Linguística, a saber:

- Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense-NUPLIM;
- Grupo de Estudos em Literatura, Memória e Arte-GELMA;
- Língua Falada, Discurso e Ensino.

Como forma de divulgação da integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão, há mais de dez anos, os professores do Departamento, num esforço coletivo, decidiram pela publicação de coletâneas de artigos que contemplam as áreas de Linguística e Literatura, inclusive em coautoria com alunos envolvidos, na condição de bolsistas de pesquisa e de extensão: Assim sendo, já foram publicados:

ANO	TÍTULO	ORGANIZADORES	EDITORA
2005	Letras em Diálogo Estudos sobre Linguagem e Literatura	Elizeu Arruda de Sousa e Marinalva Aguiar T. Rocha	UEMA
2006	Linguagem: múltiplos objetos, múltiplas leituras	Antônio Luiz A. Miranda e Erlinda Maria Bittencourt	UEMA
2008	Língua e Literatura: interfaces da linguagem	Diógenes Buenos A. de Carvalho e Solange Santana G. Morais	UEMA

2010	O jogo do texto: perspectivas linguísticas e literárias	Algemira de M. Mendes e Antonia Miramar A. Silva	UEMA
2013	O linguístico e o literário: cruzando fronteiras	Cláudia Maria M. Motta e Maria do Socorro Carvalho	UEMA
2016	Linguística e literatura: focalizando suas variadas dimensões	Deline Maria F. Assunção e José de Ribamar Dias Carneiro	Em elaboração

6.10- Trabalho de Conclusão de Curso

Para efeitos de integralização é exigida a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, cuja obrigatoriedade está regulamentada na Resolução 1045/2012-CEPE/UEMA e complementada em normas acadêmicas, podendo ser realizada individualmente ou na forma de proposta metodológica (com até três membros). O aluno poderá defender desde que tenha 75% das disciplinas cursadas.

O trabalho de conclusão versa sobre pesquisa científica acerca de temas relacionados ao curso. No caso específico de Letras, tem sido expressivo o número de monografias sobre a problemática da leitura, do ensino de gramática, do ensino de produção de textos e sobre análise literária de autores nacionais e maranhenses. Em que pese a qualidade de muitos trabalhos, faz-se necessário uma revisão dos parâmetros de avaliação, bem como maior divulgação, não somente no que se refere à área de Letras, como todos os outros cursos.

Importa dizer, ainda, que os trabalhos monográficos podem ter aplicabilidade na medida em que, de acordo com a temática, articula-se às atividades de extensão e projetos de pesquisa.

7. RECURSOS HUMANOS

O Departamento de Letras conta com 16 professores, estando em consonância com o que prevê a LDB/96 cujo Art.52 a qual institui um percentual de um terço do corpo docente capacitado em nível de Mestrado, uma vez que temos 08 professores doutores, 7 mestres (sendo 4 doutorandos) e 01 especialista.

Vale ressaltar que, nos últimos anos, temos em alta conta um nível de motivação demonstrado pelos professores para as atividades do Departamento, o que significa dizer que nossas ações, dentro das limitações impostas pela realidade em que estamos inseridos, têm alcançado êxito. Do mesmo modo, o que está previsto no Plano de Ação e nesse Projeto Pedagógico é a expressão do que ansiamos e do que nos predispomos a realizar.

Em que pese o nível expressivo de qualificação do corpo docente e a crescente participação em Editais PIBIC e PIBEX, bem como outros Editais de fomento à pesquisa, a avaliação externa (ENADE) rebaixou o curso de Letras de 04 para 02, fato que exigiu debates no coletivo de professores, quanto aos programas das disciplinas e respectivas abordagens, tomada de decisões com relação às práticas leitoras e de escrita juntos aos alunos, como por exemplo, rigor nas cobranças referentes às normas gramaticais nos textos produzidos e exigências efetivas para elevar o nível de competência leitora.

7.1 GESTORES DO CURSO

DIREÇÃO DO CURSO DE LETRAS		
DIRETORA DE CURSO	SECRETÁRIA	RESPONSÁVEIS PELO REGISTRO ACADÊMICO DO CURSO
Esp. Antonia Miramar Alves Silva		Raimunda Mercedes B. Rocha

7.2. DOCENTES

N.º	NOME DO PROFESSOR	TITULAÇÃO				CATEGORIA	REGIME DE TRABALHO	ÁREA DE HABILITAÇÃO
		G	E	M	D			
01	Ana Elizabeth Araújo da Silva Félix			X		Auxiliar I	40 horas	Doutoranda em História – Unisinos Mestrado em Letras – UFPI Especialização em Língua Portuguesa – UESPI Especialização em Educação Especial, Inclusão e LIBRAS – Athena Graduação em Letras Português/Literatura – UEMA

02	Antonia Miramar Alves Silva		X			Auxiliar IV	40 horas	Especialização em Língua Portuguesa – UESPI Graduação em Letras – UEMA
03	Antônio Luiz Alencar Miranda				X	Adjunto I	40 horas	Doutorado em Linguística – UFRJ Mestrado em letras (Ciência da Literatura) – UFRJ Especialização em Leitura e Produção de Textos – PUC/MG Especialização em Língua Portuguesa – PUC/MG Graduação em Letras – UEMA
04	Cláudia Maria Magalhães Motta			X		Assistente I	40 horas	Doutoranda Mestrado em Letras – UFPI Especialista em Linguística e Produções de textos numa perspectiva sociolinguística – PUC/MG
05	Deline Maria Fonseca Assunção				X	Adjunta I	40 horas	Doutorado em Linguística – UFRJ Mestrado em Linguística – UFCE

							Graduação em Letras – CESC/UEMA
06	Elizeu Arruda de Sousa			X		Assistente III	40 horas Doutorando em História – UNISINOS Mestrado em Letras – UFPI Especialização em Língua Portuguesa – Faculdades Integradas de Amparo Graduação em Letras – UEMA
07	Emanoel César Pires de Assis			X		Assistente I	40 horas Doutorando em Literatura – UFSC Mestrado em Letras – UFPI Graduação em Letras Português/Inglês – UEMA
08	Erlinda Maria Bittencourt			X		Assistente IV	40 horas Mestre em Ciências da Educação –UEMA/IPLAC Especialização em LIBRAS – Português: Tradução e Interpretação – Instituto Athena de Educação Especialização em Língua Portuguesa –PUC/MG Graduação em Letras Português Literatura – UEMA

09	Evaldino Canuto de Souza				X	Adjunto I	40 horas	Doutorado em Linguística – UFRJ Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC/SP Graduação em Letra Inglês – UESPI
10	Joseane Maia Santos Silva				X	Adjunta III	40 horas	Doutorado em Letras – USP Mestrado em Educação – UFPI Especialização em Língua Portuguesa – PUC/MG Graduação em Letras – UFMA
11	José de Ribamar Dias Carneiro				X	Adjunto I	40 horas	Doutorando em Linguística – UFRJ Mestre em Linguística – UFCE Especialista em Alfabetização – UFPI/PI Especialista em Literatura Infantil e Juvenil – PUC/MG Especialista em Leitura e Produção de Textos: uma perspectiva linguística – PUC/MG Graduação em Letras – UFPI

12	Maria do Socorro Carvalho				X	Adjunta I	40 horas	<p>Doutorado em Letras (Ciências da Literatura) – UFRJ</p> <p>Mestrado em Letras – UFPI</p> <p>Especialização em Língua Portuguesa – Fundação Comunitária Educacional e Cultural Patrocínio</p> <p>Especialização em Literatura em Língua Portuguesa Modernismo – Fundação Comunitária Educacional e Cultural Patrocínio</p>
13	Marinalva Aguiar Teixeira Rocha				X	Assistente IV	40 horas	<p>Doutoranda em História – Unisinos</p> <p>Mestrado em Língua Portuguesa – UERJ</p> <p>Mestrado em Educação – UEMA/IPLAC</p> <p>Especialização em Educação a Distância – SENAC/G°</p> <p>Especialização em Língua Portuguesa – PUC/MG</p> <p>Graduação em Letras – UEMA</p>

14	Maura Rejanne Amaral Rodrigues Amorim				X	Adjunta I	40 horas	Doutorado em Linguística – UFRJ Mestrado em Letras – UFPI Especialização em Língua Inglesa – UESPI Graduação em Letras Inglês – UESPI
15	Rosângela Veloso da Silva			X		Assistente II	40 horas	Mestrado em Língua Portuguesa – UERJ Especialização em Tecnologias em Educação – PUC/RJ Especialização em Língua Inglesa – UESPI Graduação em Letras Inglês – UESPI
16	Solange Santana Guimarães Morais				X	Adjunta I	40 horas	Doutorado em Letras (Ciências da Literatura) – UFRJ Mestrado em Letras – UFPE Especialização em Leitura e Produção Textual – PUC/MG Graduação em Letras – UEMA

7.3-TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS

A não realização de concurso na área administrativa causa dificuldades para o funcionamento dos departamentos, uma vez que somente uma secretária desenvolve todas as atribuições, como digitação, organização de arquivos etc.

NOME	FUNÇÃO	TITULAÇÃO
MARIA DE FÁTIMA PEREIRA GOMES	Secretária do Departamento	Téc. Administrativo

8.ACERVO BIBLIOGRÁFICO

A infraestrutura da UEMA está organizada para atender às atividades da gestão educacional, dos serviços administrativos e do desenvolvimento pedagógico dos cursos de graduação e pós-graduação. Os espaços pedagógicos atendem às demandas da formação profissional proposta para os cursos de licenciatura. Para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, a Instituição dispõe, nos *campi*, salas de aula, auditório, laboratórios de informática com equipamentos de multimídia, conectados à internet, e biblioteca. Além disso, há disponível, no *site* da UEMA, o acervo da **Biblioteca Virtual Universitária Pearson**.

A Biblioteca Vespasiano Ramos (CAXIAS) está instalada numa área de 855m² e funciona das 08 horas às 21 horas de segunda a sexta feira, com uma sala de pesquisa de 10m x 20 m com 23 (mesas de estudo), totalizando lugares 92 lugares, em que os leitores se revezam durante os três turnos. Temos ainda 10 computadores conectados à Internet que os alunos podem utilizar durante todo o tempo, no horário de funcionamento da referida biblioteca.

A Biblioteca é assistida, em seu aspecto administrativo, por um bibliotecário com formação superior e conta ainda com um funcionário administrativo e 5 (cinco) estagiários, objetivando atender às necessidades e às circunstâncias diversas de horários dos usuários, bem como dar assistência na atividade de consulta ao acervo.

O acervo bibliográfico geral compõe-se de 6.753 títulos com 20.178 exemplares. Conta ainda com 572 publicações de periódicos. Destes são destinados ao Curso de Letras 157 títulos com 496 exemplares referentes à generalizações/Pesquisa/Methodologias; Filosofia: 530 títulos e 1.121 exemplares; Religião: 69 títulos e 140 exemplares; Educação (englobando

os livros de Sociologia, Ciências Políticas, Didática, etc.) 1.730 títulos e 4.798 exemplares; Letras (englobando Linguística, línguas e literaturas) 1.399 títulos e 3.369 exemplares.

O Curso de Letras está criando uma biblioteca setorial, graças à doação de professores do próprio departamento, e consta de títulos de todas as áreas do curso. Está em fase de registro do acervo, realizado por dois alunos bolsistas (bolsa trabalho) treinados pelo bibliotecário do CESC e pelo orientador.

Quanto ao acesso da biblioteca geral, utiliza-se o sistema de consulta no local e o empréstimo domiciliar em concordância com as normas estabelecidas no regimento da mesma. Todavia, com uma estrutura deficitária, faz-se urgente uma reforma e uma nova equipagem do laboratório de línguas, a fim de possibilitar melhor qualificação para o futuro professor, uma vez que a modernização desse laboratório, além de valorizar todos os cursos, propiciará maiores oportunidades à prática de ensino e contribuirá para a formação de profissionais competentes, facilitando, assim, sua absorção no mercado de trabalho.

9. INFRAESTRUTURA DO CURSO

O Centro de Estudos Superiores de Caxias de Caxias funciona em prédio de propriedade da Universidade Estadual do Maranhão, situado à Praça Duque de Caxias – Morro do Alecrim, S/N., possuindo uma área total de 16.458m², sendo 3.132m² de área construída. Atualmente, existem 14 (quatorze) salas de aulas, distribuídas em três pavilhões, 5 (cinco) salas onde funcionam os Departamentos, 01 (uma) sala para o Mestrado, 04 (quatro) salas de laboratórios, 01 (uma) sala de informática, banheiros e uma área de convivência.

A ampliação do número de vagas em todos os cursos ocasionou, nos últimos anos, um estrangulamento no que diz respeito ao espaço, de modo que foi se instalando significativo nível de insatisfação na comunidade acadêmica.

Os Cursos de Letras ocupam 6/7 salas, nos dois turnos, dependendo do número de alunos aprovados, dispõe de 1 sala (uma) para reuniões com alunos que participam dos projetos de pesquisa e de extensão, 1 sala (uma) onde está sendo montada a biblioteca setorial com 2 mesas (duas), 1 bancada (uma), 1 (um) laboratório de língua que não atende mais a demanda do curso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. (org.) **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º COCE. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- BARBOSA, Roldão Ribeiro. **Da Faculdade de Formação de Professores ao Centro de Estudos Superiores: uma história da instalação e consolidação do ensino superior em Caxias (1968-1994)**. Dissertação de Mestrado, UFPI, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela Leitura literária na escola de 1º Grau**. São Paulo, Ática, 1995.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº01 de 18 de fevereiro de 2002**. Brasília: MEC. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Brasília: DOU de 26.09.2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2013
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO de 2006**.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2/2002, de 19 de fevereiro de 2002**.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **PNE, o Plano Nacional de Graduação – PNGrad**, Decreto nº 15.581, de 30 de maio de 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de graduação em Pedagogia, 2006**.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução do CEF nº 252/62**.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto-Lei nº 1190 de 04 de abril de 1939**.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Quieroz/Publifolha, 2000.
- DEMO, Pedro. **A nova LDB: Ranços e avanços**. Campinas, Papyrus, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Moraes, 1980.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1999.
- GERALDI, João Wanderley **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ed. Ática, 1999

_____. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, Produção de textos e a escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, Editora Autores Associados, 1994.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Secretaria de Educação Fundamental/MEC. Brasília, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

REFERENCIAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. SEF/MEC. Brasília, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. INL. Brasília, 2015

SALTO PARA O FUTURO: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

UEMA/PROGAE. **Plano Uemiano de Graduação 2000-2003.** São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2000.

_____. **Do pessimismo da razão para o otimismo da vontade: referências para a construção dos projetos pedagógicos nas IES brasileiras.** São Luís: UEMA, 1999, V.1.

_____. **O Currículo como expressão do projeto pedagógico: um processo flexível.** São Luís: UEMA, 2000, V.2.

_____. **O projeto pedagógico dos Cursos de Graduação: guia prático de Redação.** São Luís: UEMA, 2000, V.3.

_____. **Projeto de avaliação institucional.** São Luís: UEMA, 2001, V.4.

_____. **Estatuto-UEMA.** São Luís, 1997.

_____. **Regimento dos Centros de Ciências e de Estudos Superiores/Universidade Estadual do Maranhão.** São Luís, 1998.

VYGOTZKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1993.